

Ambos os significados são muito correntes em nosso dia a dia. Mas a ideia de currículo pode ter outro significado e é com ele que trabalharemos – o que não significa excluir os demais sentidos; ao contrário, de certa forma, veremos que todos estão inter-relacionados.

A palavra currículo deriva do latim e significa carreira ou percurso, caminho. É esse sentido que trabalharemos aqui: o currículo como percurso de vida.

Para isso, propomos atividades que o ajudarão a organizar importantes aprendizados desenvolvidos no decorrer de sua vida e planejar novas oportunidades de aprendizado, seja partindo do currículo escolar, seja em outros espaços de aprendizagem. Também é objetivo deste trabalho que você pense um pouco sobre seu projeto de vida – que, certamente, influenciará na elaboração de seu currículo profissional.

No fim do trabalho, esperamos que você possa perceber que aprender é atividade permanente na vida de todos nós, desde o nascimento, e que tais aprendizagens se constituirão em nosso currículo de vida!

Bom percurso de trabalho!

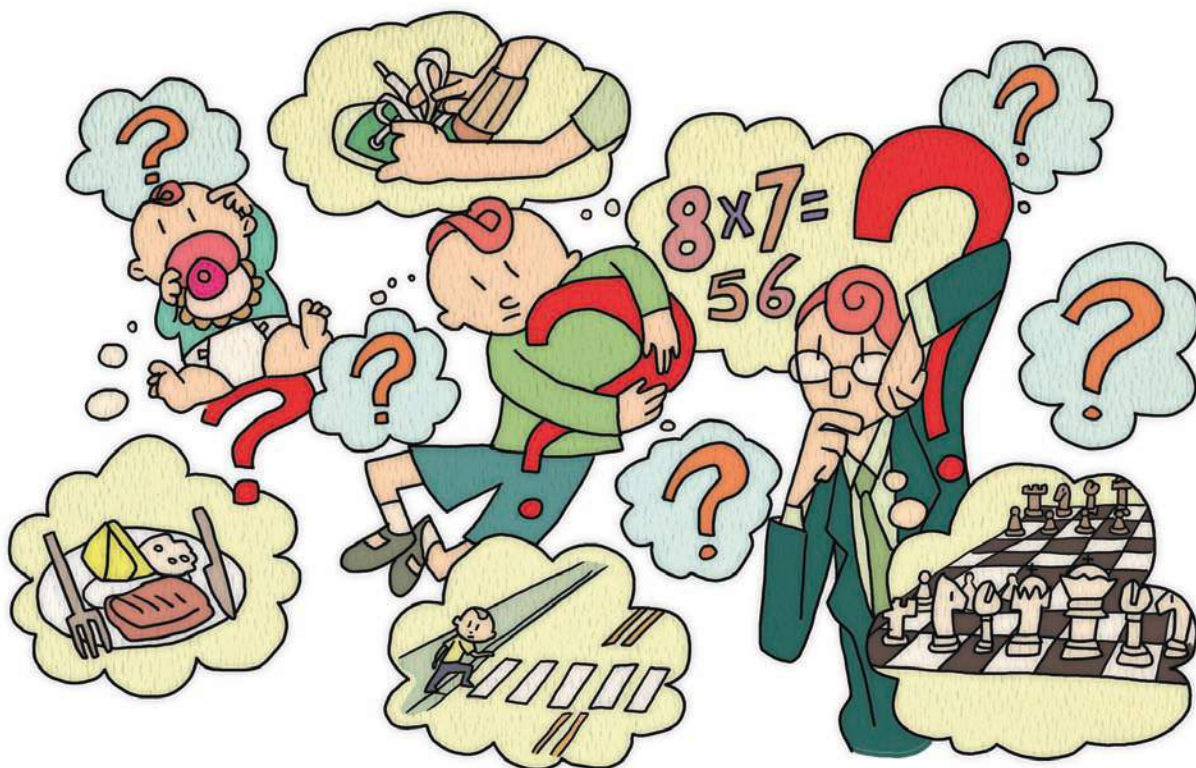
ATIVIDADE 1 *Seres humanos em eterna aprendizagem*

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra montão.

Guimarães Rosa

Quando nascemos, ingressamos em um mundo no qual temos de aprender uma infinidade de “coisas” para podermos nos relacionar com as pessoas e com os objetos em diferentes épocas e situações de vida.

Aliás, diferentemente de outras espécies animais, o bebê humano é o que “sabe menos” sobre como sobreviver. Isso porque os outros animais são



dotados de alguns instintos mais aguçados e, de forma geral, já estão dotados de “habilidades” para garantir sua sobrevivência.

Pois bem, desde o nascimento o ser humano está aprendendo. Aprende as mais variadas coisas: a andar, a falar, a amarrar o sapato, a comer sozinho, a conversar com os amigos, a ir para a escola sozinho, a cumprimentar as pessoas, a disputar os mais diferentes jogos, a usar a internet etc. Aprende também português, matemática, ciências, geografia; a contemplar e fazer arte(!), enfim, aprende MUITA coisa. Aprende, principalmente, a ser uma pessoa única, a ter uma identidade. Você é diferente de seu colega sentado a seu lado na sala de aula, mas todos fazemos parte da espécie humana! Ou seja, somos iguais, porque somos humanos, mas somos diferentes, porque cada um de nós é uma pessoa com histórias, características, jeitos e pensamentos mais ou menos próximos (somos únicos, não?). Enfim, nós, seres humanos, somos pessoas em eterna aprendizagem!

Os peixes, logo que nascem, ganham o mar, sem precisar de sua “mãe” para alimentá-los. Os cachorros logo podem se tornar independentes da cadela, pois rapidamente aprendem a procurar seu alimento e a se defender.

E o bebê humano? Você já observou o tempo que leva até uma criança tornar-se independente de um adulto?

Às vezes, nem prestamos muita atenção no que aprendemos, mas aprendemos. Quer ver? Quando assistimos à televisão, muitas vezes, ouvimos as personagens de filmes e novelas dizerem algumas expressões e repetimos sem nem nos dar conta de que “aprendemos” aquele jeito de falar.

Além desses aprendizados espontâneos, há aqueles ao qual nos dedicamos. Por exemplo, um esporte. Você joga ou pratica algum? Provavelmente precisou de algum tempo até aprender e é quase certo que ainda não aprendeu tudo.



IMAGE SOURCE/KALLE SINGER/FOLHAPRESS

Que tal pensar um pouco sobre alguns aprendizados importantes de sua vida? Vamos lá?!

1. Você fará uma linha do tempo de suas aprendizagens, onde colocará o que se lembrar e considerar importante sobre coisas aprendidas na sua vida. É lógico que **MUITA** coisa vai ficar fora da linha, mas você escolherá o que achar mais significativo neste momento.

As perguntas do questionário a seguir o ajudarão a organizar as informações para sua linha do tempo.

Com um colega, leia o questionário e complemente-o com outros itens que julgar importantes. Lembre-se: você deverá registrar na linha do tempo as principais aprendizagens de sua vida.

Depois de complementar o questionário, procure informações para os itens listados. Preencha o que conseguir lembrar e, depois, converse com seus parentes e amigos mais próximos a respeito de eventos de sua vida de que não conseguiu se lembrar (muitas coisas você aprendeu ainda pequeno, por isso precisará da ajuda das pessoas mais próximas!).

Com o questionário preenchido, organize as informações na linha do tempo, a seguir. Você poderá fazer esse registro por escrito ou com desenhos.

Questionário de dados autobiográficos

Nasci no dia _____

na cidade de _____

Aprendi a:

engatinhar com _____ meses

andar com _____

falar com _____

me vestir sozinho _____

usar o computador com _____

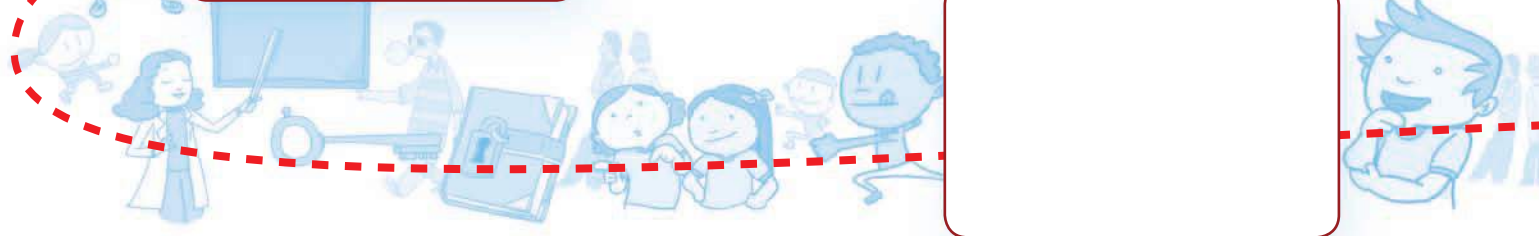
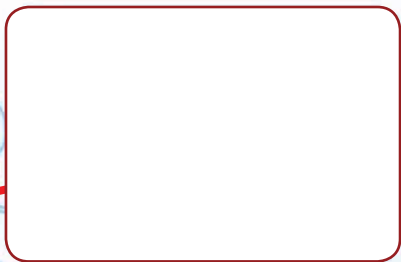
ler na _____ série

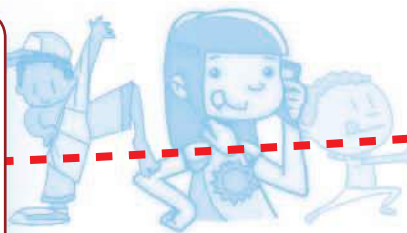
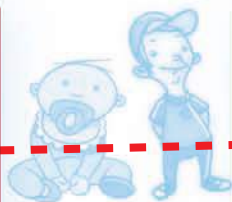
escrever na _____ série

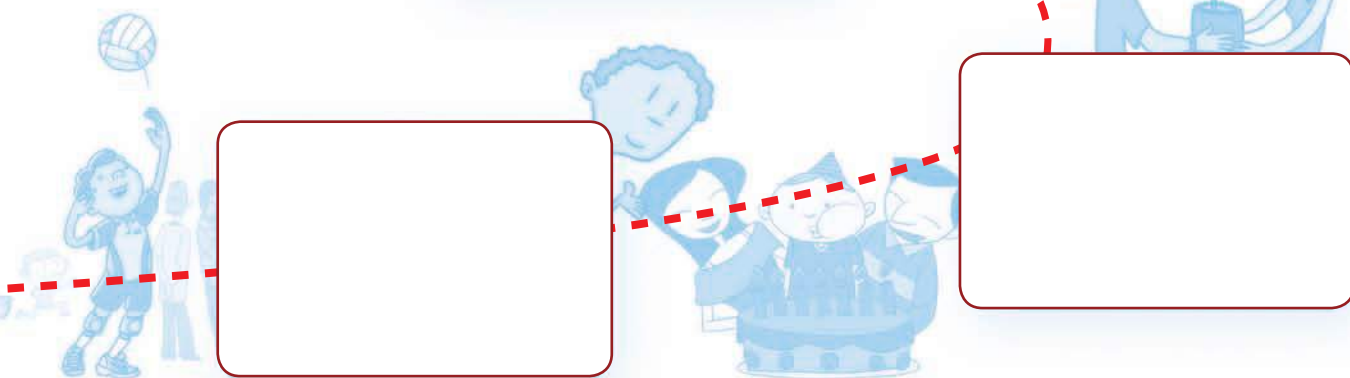
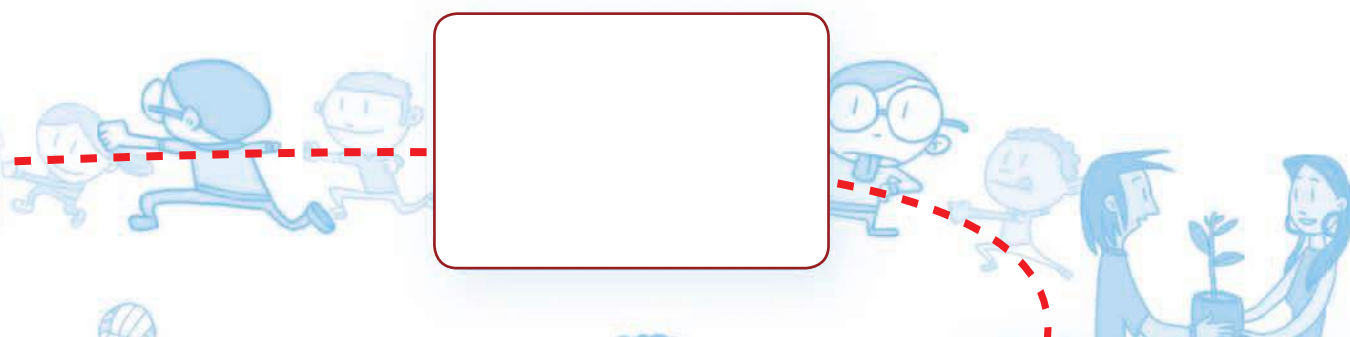
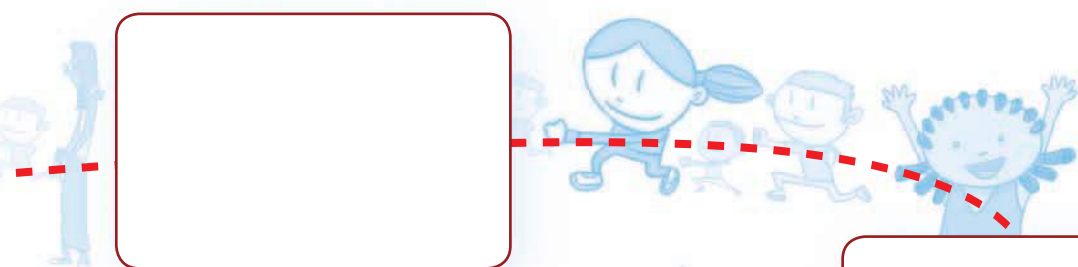
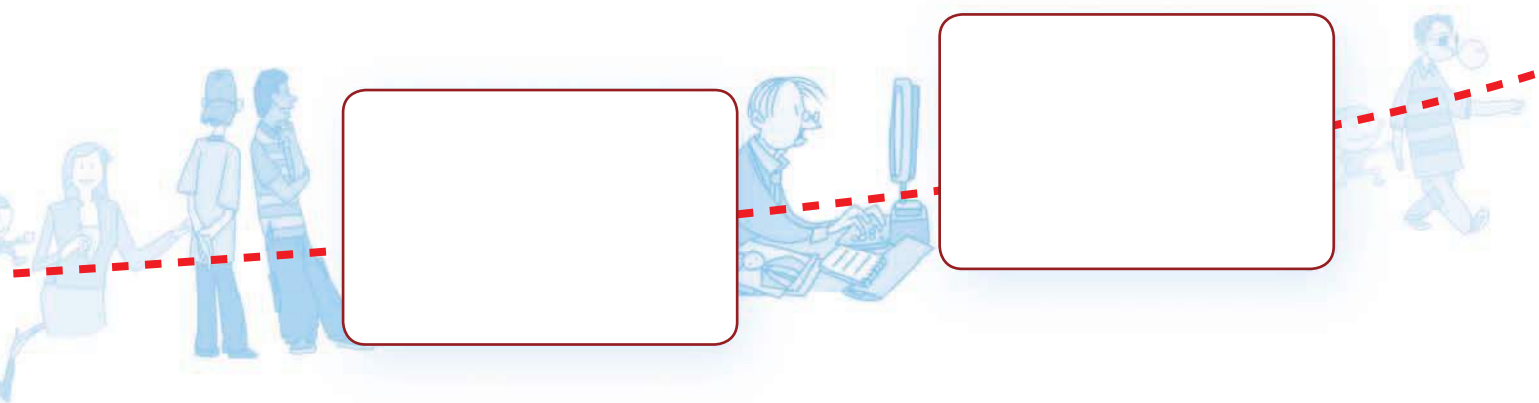
usar o celular com _____

Essas são apenas algumas possibilidades de aprendizagens, há outras. Por exemplo, haverá colegas que fizeram aulas de circo e aprenderam acrobacias, outros praticam algum esporte. Outros, ainda, viajaram para alguns lugares diferentes e aprenderam sobre distintas culturas. Alguns colegas leram livros sobre temas específicos ou fizeram passeios ou visitas a museus, parques etc.









a) Você se deu conta da quantidade de coisas que aprendeu nesses 13-14-15 anos de vida? Pois bem, agora, tente responder às perguntas a seguir:

- O que você considera que sabe fazer bem?

- O que considera que tem dificuldade de fazer?

- O que gosta de fazer?

- O que não gosta de fazer?

- O que gostaria de aprender?

As respostas a essas perguntas são importantes em seu currículo de vida. Por meio delas, expressa um jeito de ser, suas experiências e algumas perspectivas de futuro. Na próxima atividade, você terá oportunidade de pensar um pouco mais em projetos para sua vida.

ATIVIDADE 2 O que quero aprender?

1. A proposta desta atividade é dar continuidade à linha do tempo, só que, agora, planejando alguns eventos. Vamos pensar nas coisas que queremos aprender ou fazer. Na tirinha abaixo, o garoto parece estar tentando fazer esse exercício de planejar a vida.



- a) Em sua opinião, para que fazemos planos para um projeto de vida?

- b) Observe, mais uma vez, a tirinha. Por que você acha que o garoto ponderou que o exercício desse planejamento era feito “pelo menos, na teoria”? Será que por ser teórico é dispensável?

c) Agora, volte à sua linha do tempo e continue o trabalho, marcando alguns *planos para os próximos aprendizados, alguns projetos para a vida*. No item a, da atividade 1, você já indicou algumas coisas que gostaria de aprender e que podem se tornar parte desses projetos. Registre-as na linha do tempo e acrescente os planos que considerar importantes para seu projeto de vida.

2. Certamente, você terá oportunidade de aprender na escola algumas das coisas que planejou como “projetos para a vida”. Já outras, podemos aprender fazendo cursos e participando de oficinas em lugares como ONG, institutos, órgãos governamentais etc., ou assistindo a eventos artístico-culturais ou mesmo integrando-os. Você conhece alguma instituição como essas que acabamos de mencionar? Que tal fazer uma pesquisa (a internet pode ser um bom começo) e encontrar um lugar onde você possa aprender novas coisas para agregar a seu projeto de vida? Essa pesquisa pode ser feita com outros colegas. Socialize para sua turma o que encontrou.

Elaborar um projeto de vida envolve fazer planos para diferentes aspectos: vida escolar-profissional, familiar, social e afetiva, saúde pessoal, participação na comunidade e em causas sociais, planejamento financeiro, enfim, um projeto de vida é algo bastante amplo e em constante elaboração. Nesta atividade, focalizaremos apenas o que pretendemos e desejamos aprender como projetos para a nossa vida. E isso é muito importante para planejar o currículo.



- <http://www.catracalivre.com.br>

o *site* informa sobre eventos gratuitos, relacionados à arte e à cultura, com destaque para a seção Cursos e oficinas.

- <http://www.acaoeducativa.org.br/agendadaperiferia/>

o *site* destaca a programação de eventos em diversos bairros da cidade de São Paulo.

- <http://www.assaoc.org.br/programacao/index-sao-paulo.php>

oferece oficinas de arte e cultura e diversos cursos em diferentes pontos da cidade de São Paulo.

- <http://www.sescsp.org.br/sesc/>

o *site* informa cursos e eventos nas diferentes unidades do Sesc.

Se, no decorrer deste trabalho, você participar de algum curso, oficina ou evento artístico-cultural, escreva aqui seus comentários, destacando o que aprendeu com essas experiências.

ATIVIDADE 3 Juventude e mundo do trabalho



São Paulo, 1º de setembro de 2003, Muro da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos), na estação Pinheiros, São Paulo.

4. O trabalho ocupa um lugar importante na vida de todas as pessoas. E, por isso, é importante conversarmos um pouco sobre o que é esse mundo e sua relação com os jovens.

Para isso, você lerá uma entrevista feita com oito jovens de idades, lugares e condições financeiras diferentes a respeito de suas experiências e expectativas em relação ao trabalho.

Participantes da entrevista

Taiane Ribeiro, 16 anos

estuda no 2º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Sônia Kell e joga futebol. Mora em Santo Cristo, comunidade Morro do Pinto, e é menor aprendiz no Ibase (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas).

Meriane Pereira da Silva, 17 anos

curso o 2º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Souza Aguiar. Nunca trabalhou.

Gustavo Cavalheiro de Azevedo, 18 anos

está no 3º ano do Ensino Médio no Colégio Santo Alberto Magno, mora em Botafogo. Procurou emprego, mas sem o certificado de reservista, não conseguiu. Se alistou, mas não serviu.

Júlio César Meira Matos, 19 anos

estudante universitário, 2º período de Economia. Reclassificado pela UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) para Estatística. Já trabalhou em *telemarketing*. Não trabalha no momento e será pai no fim do ano.

Vanessa Nogueira, 20 anos

terminou o Ensino Médio. Faz curso de *Telemarketing*, Hotelaria e Vendas em um projeto social e curso de inglês. Mora em Santo Cristo, comunidade da Providência. Não trabalha no momento.

Alan Luís Guimarães de Souza, 20 anos

estudou até a primeira etapa do ensino fundamental. Tem dois filhos. Desde que parou de estudar, trabalha vendendo balas no sinal na Barra da Tijuca.

Diogo Reis, 21 anos

aluno da Escola Estadual Raul Vidal, mora em Rio do Ouro, São Gonçalo, é vendedor ambulante de picolés na praia de Itapuaçu, Niterói.

Iara Amora, 22 anos

estudante de Direito da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), coordenadora do Núcleo de Juventude da Casa da Mulher Trabalhadora (Camtra). Faz curso de inglês.

Quando começaram a trabalhar ou a pensar nisso?

Gustavo Comecei aos 16 anos, porque queria ser independente, ter meu próprio dinheiro e responsabilidades.

Júlio Foi aos 17 anos, atuando em *telemarketing*, mas só trabalhei um mês. Agora estou procurando emprego.

Diogo Aos 13 anos, como empacotador em supermercado. Mas, na época, só ganhava caixinha, não era nada formal. Aos 16, trabalhei na construção civil. Fazia isso na parte da manhã, estudava na parte da tarde. Atualmente, trabalho como vendedor de picolés. É um serviço pesado, mas, ao mesmo

tempo, é livre. Não precisa ficar obedecendo ao patrão e é bom para mim. Moro com minha família, com minha avó, não dependendo muito do trabalho, por isso tenho me dedicado mais aos estudos para entrar na faculdade.

Taiane Comecei aos 15 anos. Moro com minha mãe e minha avó. Tenho um irmão falecido, um pai e um avô. Morreu um em cada ano. Eu fazia biscoito de farinha de trigo, açúcar e canela e vendia na escola. Minha mãe fazia doce e eu vendia também. Depois, resolvi trabalhar de outra forma. Foi quando fiz um curso na FIA (Fundação para a Infância e a Adolescência) e vim trabalhar como menor aprendiz no Ibase. Comecei para ajudar minha mãe em casa e para ter algumas facilidades. Não acho que trabalhar significa conseguir independência.

Vanessa Eu nunca trabalhei para receber salário. Participo de um projeto social em uma ONG e comecei a participar de pré-vestibular. Estou lá há três anos. Este ano, pretendo trabalhar.

Meriane Eu estou pensando em trabalhar. Quero ser independente, morar na minha própria casa.

Alan Trabalho desde os 10 anos de idade. Hoje, tenho duas filhas. Pago aluguel, vou levando a vida do jeito que Deus quiser. Quero um dia arrumar um emprego.

Iara Foi no começo da adolescência e queria sair, ter certas coisas que minha mãe não podia me dar. Foi meio para conseguir fazer o que quero e não tirar do sustento da casa.

É difícil trabalhar e estudar?

Taiane É. Antes de trabalhar no Ibase, eu saía da escola, tomava banho, dormia, almoçava. Agora, não posso. Faço futebol às quartas e quintas, das 19 às 21h. Então, saio do Ibase, vou para o treino, tomo banho, janto e vou fazer os trabalhos da escola. É cansativo, mas estou conseguindo conciliar. Na minha escola, tem três pessoas que trabalham por indicação da escola. Elas têm toda a liberdade do mundo. Saem mais cedo das aulas. Eu saio às 12h50 para estar no Ibase às 13h. Os professores não querem saber: eu tenho que assistir aula, e pronto. Eu já avisei que trabalho, mas está sendo difícil.

Diogo Para quem estuda à noite, é um pouco diferente. Eu estudo à tarde, mas, como faço parte do grêmio da escola, faço o intercâmbio.

Vejo que à noite os professores contribuem, entendem quando a pessoa chega mais tarde por causa do trabalho. Mas depende da escola.

Vanessa No ano passado, eu saía da escola para ir para o pré-vestibular. Estudo no largo do Machado e o pré é na praça Onze. Pegava o metrô porque é mais rápido, mas eu tenho que almoçar. Aí, falava para o professor que ia sair 10 minutos mais cedo para almoçar. Tinha semanas que conseguia, outras não. Aí, você não sabe se sai mais cedo do colégio ou se chega atrasada no trabalho.

Iara Quando comecei a trabalhar ainda estava no Ensino Médio. A época em que considerei mais difícil estudar e trabalhar foi durante o pré-vestibular, pois não tinha tempo para me dedicar aos estudos. Agora, na faculdade, por um lado, é mais tranquilo, pois não tem cobrança de presença e horários, mas, por outro, percebo que meu rendimento não é igual ao de outras pessoas que só estudam.

Que tipo de trabalho buscam?

Julio Estágio. Estaria aprendendo mais sobre a minha profissão. Seria mais proveitoso. Em princípio, o salário não ia contar muito, mas depois que tivesse uma experiência de estágio, procuraria um que pagasse melhor. Quando trabalhei, não tinha contrato de atendente de *telemarketing*, mas de estagiário. Pagava pouco, eles se aproveitam disso.

O TRABALHO É PROIBIDO ATE' QUE SE COMPLETE 16 ANOS DE IDADE.

**Exceção: a partir dos
quatorze anos, é permitido
o trabalho como aprendiz.**

Aprendiz é o empregado com um contrato de trabalho especial e com direitos trabalhistas e previdenciários garantidos. Parte do seu tempo de trabalho é dedicada a um curso de aprendizagem profissional e outra é dedicada a aprender e praticar no local de trabalho aquilo que foi ensinado nesse curso.

Os adolescentes, na faixa etária entre 16 e 18 anos, podem trabalhar, mas com restrições: o trabalho não pode ser noturno, perigoso, insalubre, penoso, realizado em locais prejudiciais à sua formação e ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social, nem realizado em horários e locais que não permitam a frequência à escola.

PARA ENTENDER DEFINITIVAMENTE A QUESTÃO E SABER O QUE FAZER

É claro que toda criança deve ser ensinada sobre o que é dever e o que são obrigações. É claro, também, que a criança pode ajudar pai e mãe em casa, pode participar de alguns afazeres domésticos, deve aprender a importância do trabalho na vida e finalmente, pode brincar todo o tempo que quiser, contanto que nada disso retire o tempo do estudo.

12

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego/Brasil.

Diogo Para mim, o trabalho ideal seria aquele que eu gostasse de fazer. Eu gosto de atuar no movimento, por isso seria trabalhar num instituto como o Ibase, trabalhar na escola, ensinar. Pretendo fazer licenciatura. É algo que gosto de fazer.

Se vocês pudessem fazer um curso para melhorar suas condições na busca por um emprego, qual seria?

Vanessa Faço inglês e informática, acho que se eu fizesse um outro idioma seria bom.

Júlio Queria fazer um curso técnico na área da petroquímica, na bacia de Campos, no estado do Rio. É uma área boa, que paga bem. Eles ficam 15 dias trabalhando e praticamente um mês em casa. Qual é o outro trabalho que oferece isso?

Meriane Queria estudar inglês e aprender a usar o computador, essas coisas.

Gustavo Queria fazer um curso de idiomas, já fiz inglês uma vez, e seria muito bom voltar.



Diogo Queria fazer um curso de recursos humanos. É um curso caro, custa cerca de R\$ 300, mas serve para tudo, é útil em qualquer emprego, acho que todo mundo deveria fazer.

Taiane Queria fazer línguas e alguma coisa voltada para a cultura. Quero fazer Produção Cultural. Estava procurando algum curso gratuito na área de cultura, mas não tem. O que eu achei custa R\$ 350, não dá para fazer. Os cursos gratuitos, em geral, são de informática.

Iara Acho que os cursos necessários hoje em dia são informática e idiomas.

Alan Minhas irmãs fizeram curso na Fundação São Martinho, todas fizeram estágio, mas tem que estar estudando. Eu, como parei de estudar, não pude fazer.

Como vocês se imaginam daqui a 10 anos?

Alan Imagino que já estou com a minha lojinha, ganhando melhor, podendo dar tudo o que as minhas filhas precisam. Meu sonho é abrir um comércio, uma lojinha, pode ser de roupa, de comida, uma coisa que seja minha.

Vanessa Já estarei independente, morando sozinha, terei terminado a fisioterapia e estarei fazendo cinema, que é o meu grande sonho. A fisioterapia é só uma forma de eu me manter financeiramente, mas vou curtir mesmo é quando puder fazer cinema.

Julio Já terei terminado minha faculdade de Estatística e estarei trabalhando numa grande empresa, como a Petrobras ou o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Meriane Não sei o que eu quero ser hoje, mas acho que até lá vou saber.

Gustavo Estarei formado em Direito e trabalhando. Se gostar mesmo, fico nisso, senão, mudo.

Diogo Estarei dando aula de História e Geografia. Quero ajudar os jovens a ter uma formação política melhor. Como aconteceu comigo: quando estava na 6ª série, foi um professor de Geografia que me despertou a curiosidade para a política, ele foi perseguido na escola. Lembro dele até hoje. Também quero ser um exemplo para os estudantes. Quero dar aula em escola pública, não em colégio particular.

Taiane Quero ser campeã do mundo pela Seleção Brasileira de Futebol, quero jogar muito, se Deus quiser. Quero estar formada em Produção Cultural e continuar trabalhando aqui no Ibase, na minha área. Também quero casar, ter filhos. Sonho também em criar algum projeto social em que possa realmente ajudar as pessoas e para que se lembrem de mim para sempre.

Iara Acabarei a faculdade de Direito daqui a dois anos e meio. Espero pode atuar em prol dos movimentos sociais, nos sindicatos, movimentos de mulheres. Embora eu saiba que esse não é um campo de trabalho tão grande. Outra coisa que me interessa muito é trabalhar na Defensoria Pública, pois acho que é um dos órgãos governamentais que ficam mais próximos da realidade, mais próximo das pessoas.

a) Que motivos levaram os jovens a procurar trabalho?

b) Quais as principais dificuldades e desafios encontrados no mundo do trabalho apontados pelos jovens?

c) A maioria dos entrevistados quer fazer cursos de informática e idiomas. Por que você acha que isso acontece? Você teria outras sugestões a fazer em relação às estratégias dos jovens entrevistados?

d) Discuta com sua turma as razões de o trabalho só ser permitido a partir dos 16 anos de idade ou a partir dos 14, na condição de aprendiz. Não deixe de relacionar a idade permitida para o trabalho e o tempo de escolaridade. Procure na entrevista situações de vida que fundamentem seus argumentos. Registre aqui suas principais conclusões.

e) Agora, converse com seus colegas:

- Quais são os desafios para o jovem no atual mundo do trabalho?
- Que tipo de trabalho vocês buscam? Como se imaginam daqui a 10 anos?
- O que pretendem fazer para melhorar sua inserção no mundo do trabalho? Retome aqui os planos formulados em seus projetos para a vida delineados na atividade 2.

ATIVIDADE 4 Pesquisando cursos e profissões

1. Até aqui, você teve oportunidade de pensar sobre seu percurso de aprendizagem, planejar alguns passos em seu projeto de vida e refletir um pouco sobre o mundo do trabalho.

No próximo ano, você estará cursando o Ensino Médio e, inevitavelmente, o assunto trabalho estará mais perto de você. Aliás, é muito provável que alguns alunos já estejam pensando a esse respeito, afinal, têm uma decisão a tomar ainda este ano: farão o Ensino Médio regular ou um curso técnico integrado ao Ensino Médio. Você já pensou sobre isso? É hora, então, de começar.

Para isso, é importante conhecer vários cursos e profissões. Nesta atividade, vocês organizarão um painel com informações a esse respeito, que os ajudarão a planejar mais um pouco de seus projetos de vida.

- a) Para começar, você vai assistir a um vídeo com uma entrevista sobre a profissão de jornalista.

- b) Que tal a vida de jornalista? Que outras profissões podem ser interessantes? Converse com sua turma a respeito dos cursos e profissões que despertam seu interesse. Façam uma lista e se dividam, em duplas, para pesquisar, na internet

No decorrer do Ensino Médio, você pode optar por fazer um curso técnico concomitante ou integrado a esse período de sua vida escolar. Os cursos técnicos podem ser realizados nos CEFET-SP, escolas públicas que atuam nos Ensinos Médio e Superior. Para saber mais sobre os cursos técnicos do CEFET-SP, acesse o site:

<http://www.ifsp.edu.br/lwp/workplace>

Além do site do CEFET-SP que fornece informações sobre cursos técnicos de níveis médio e superior, na página do Ministério da Educação há informações sobre uma série de cursos superiores na área de tecnologia:

http://catalogo.mec.gov.br/index.php?pagina=area_cursos&curso=6

O Centro Paula Souza é outra instituição que oferece diversas possibilidades de cursos técnicos (Ensino Médio e Superior). O site é <http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/>

Para saber mais sobre profissões em geral, acesse os sites:

<http://www.guiadasprofissoes.com.br/>

<http://guiadoestudante.abril.com.br/profissoes/>

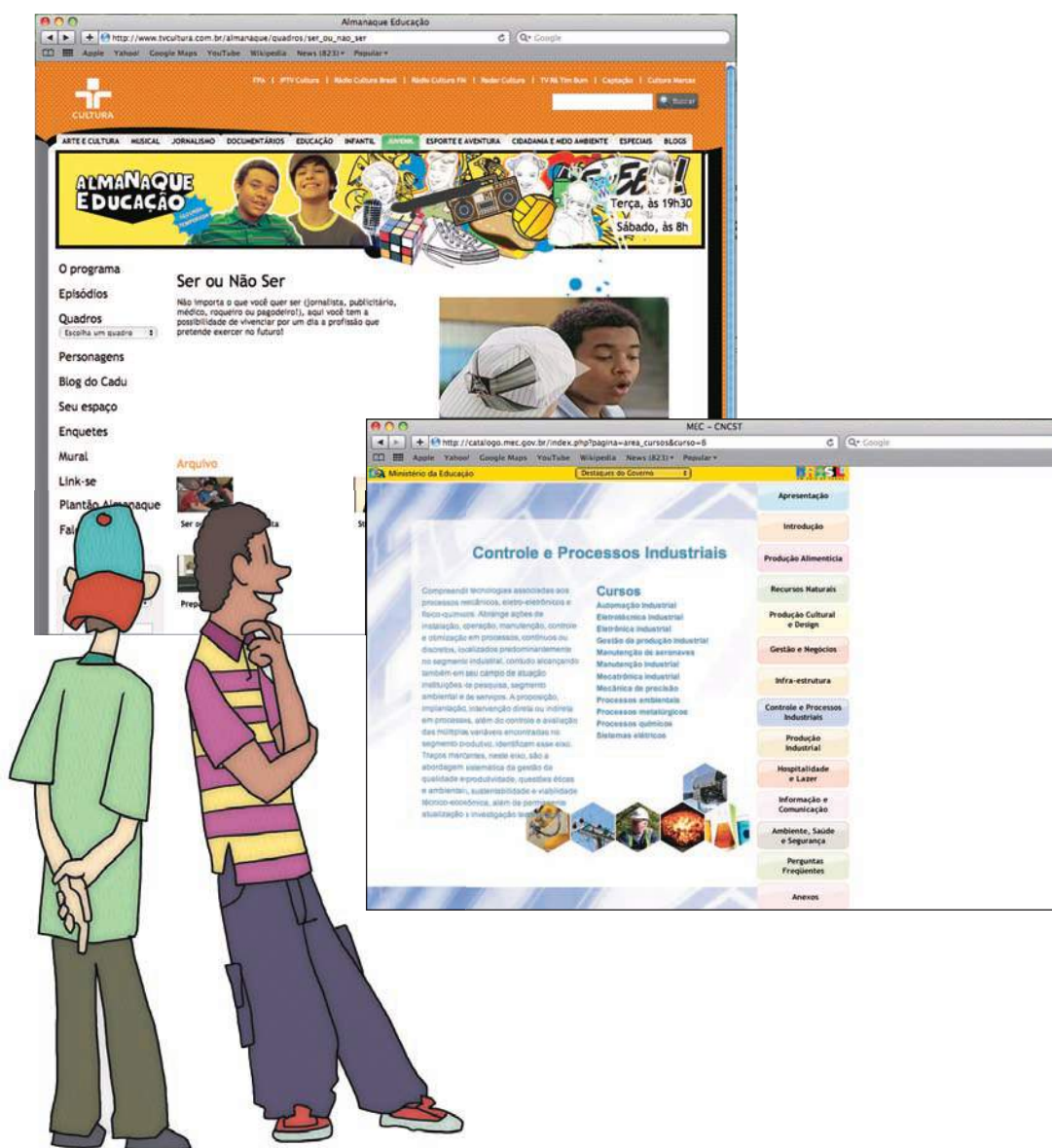
Além de vídeos, você pode fazer alguns testes *online* que ajudam a conhecer melhor algumas profissões e a você mesmo:

<http://guiadoestudante.abril.com.br/profissoes/testes/>

e em outras fontes, mais informações a respeito desses cursos.

Algumas sugestões:

- http://www.tvcultura.com.br/almanaque/quadros/ser_ou_nao_ser (no mesmo formato do vídeo sobre jornalismo, veja outras profissões)
- <http://guiadoestudante.abril.com.br/videos/> (também tem vídeos sobre profissões – se tiver chance, assista aos depoimentos do *designer* de *games* e do professor de Educação Física, são bem interessantes!)
- http://catalogo.mec.gov.br/index.php?pagina=area_cursos&curso=6



Registre o resultado da pesquisa em fichas, como a que se segue, para depois compartilhá-lo com sua turma. Preencha só os campos para os quais obtiver informações.

Dados sobre profissões		
Profissão:		
Curso:		
Nível:	☐ Médio	☐ Superior
O que faz o profissional da área:		
Onde atua:		
Aspectos interessantes:		
Desafios:		
Dificuldades:		
Outros:		

- c)** Apresente os resultados da pesquisa para a turma. Faça uma enquete na sala e defina, entre as profissões pesquisadas, aquelas que mais mobilizam a todos.
- d)** Se houver possibilidade, em trios, entrevistem algum profissional cuja profissão desperte algum interesse, buscando informações a respeito do dia a dia de seu trabalho.

Para a entrevista:	
Entrevistado:	
Profissão:	
Onde trabalha o profissional?	
Como é seu dia a dia?	
Quais os desafios da profissão?	
Que tipo de preparo/planejamento/formação deve haver para a atividade profissional?	

- e)** Inclua as informações das entrevistas nas fichas sobre as profissões, enriquecendo assim o painel da turma.

3. Agora, registre:

- Quais os cursos e/ou profissões mais interessantes? O que chamou sua atenção em relação a eles?

- Que profissão não lhe despertou nenhum interesse? Por quê?

ATIVIDADE 5 *Entrevista: momentos de procurar e fornecer informações e transmitir uma boa imagem*

Na atividade anterior, você fez uma entrevista para obter informações. Quando sair em busca de trabalho, deverá participar de processos seletivos em que uma entrevista será feita, só que, desta vez, você será o entrevistado. Para se sair bem nessas situações, você precisará ter muita clareza de suas qualidades profissionais e também do cargo pretendido. Além disso, deverá tentar transmitir uma boa imagem, respondendo da melhor forma possível ao que lhe for perguntado pelo entrevistador.

- 1.** Leia as respostas ao entrevistador de dois candidatos a uma vaga de **técnico de informática**, na empresa Infoservice. Qual deles tem mais chances de conseguir a vaga?

Entrevistador: Por que você se interessou pela vaga?

Candidato 1 Moro aqui perto. Desde criança eu gosto de computador. Frequentava o telecentro todo dia só para poder jogar. Jogava com gente do mundo inteiro, participava de campeonatos, cheguei até a ganhar algum. Então, um dia comecei a fazer jogos. Eu levo jeito com a máquina. E tô precisando trabalhar. A grana tá curta.

Candidato 2 Sempre me interessei pela área. Fiz dois cursos: um de programação e outro básico de *hardware*. É uma área que só tende a crescer e, muito provavelmente, quem se atualizar vai ter emprego sempre. Considero que a Infoservice é uma empresa sólida, séria. Vi no *site* o alto grau de satisfação dos clientes e também a oferta de cursos para seus funcionários e para o público externo, o que demonstra preocupação com a atualização e a formação contínua de seus funcionários.

a) Se você fosse o entrevistador, tomando por base essas respostas, quem seria contratado? Por quê?

b) Todas as situações a seguir retratam entrevistas de emprego. Diga quais as adequações ou inadequações das cenas apresentadas:





Nas primeiras atividades deste trabalho, você pôde pensar um pouco sobre o que vem aprendendo e o que pretende aprender. Também teve oportunidade de pesquisar algumas profissões e conhecer melhor as atividades de cada uma. Por fim, pôde analisar situações adequadas e inadequadas em uma entrevista de emprego. Agora, é hora de reunir todos esses conhecimentos e mostrar para um gerente de recursos humanos porque você é a pessoa mais indicada para o cargo.

c) Em grupos, vocês farão dramatizações de entrevistas de seleção.

Alguns alunos devem fazer o papel de candidatos às vagas, enquanto outros serão os entrevistadores. Adaptem o cenário da dramatização às informações obtidas sobre as diferentes profissões e seu ambiente de trabalho. Assim, o primeiro passo, será definir a vaga.

ATIVIDADE 6 Cada um tem um currículo

Até aqui vocês organizaram um currículo de vida bastante amplo, que incluiu diferentes tipos de informações. Porém, como você sabe, há um tipo bastante específico de currículo, que consiste em um documento em que estão organizadas as informações relacionadas à nossa atuação e qualidades profissionais.

Esse currículo, também conhecido como *curriculum vitae*, geralmente é exigido como primeira etapa de processos de seleção de pessoal e em outros tipos de seleção, como de cursos diversos em que haja restrição de vagas.

- 1.** Primeiro vamos analisar um currículo enviado por uma jovem que desejava ser monitora em eventos infantis.



Luana Vieira dos Santos

Rua da Lua Nova, 345 – Centro – São Paulo – SP
lvsantos@meuemail.com – (11) 6666-5555

Sou estudante do 3º ano do Ensino Médio, na Escola Estadual Paulo Freire. Tenho experiência com projetos comunitários e busco uma oportunidade para atuar como monitora em eventos infantis. Fui recepcionista no Congresso EDUCAR, em 2009. Fiz curso de teatro na Oficina Cultural Oswald de Andrade, em 2008. Assisti à palestra Meio Ambiente e Sustentabilidade, na ONG Salve a Natureza, em 2007. Fiz também curso de informática e aprendi a usar o Office e a internet, em 2005. Fui também vendedora temporária na loja Sul-surf, em dezembro, 2007. Apresentei poema de minha autoria no sarau literário da Cooperifa, em 2009. Tenho 18 anos, resido em São Paulo-SP e tenho disponibilidade para trabalhos no fim de semana. Também participo de atividades na Associação Comunitária de Moradores do Centro, desde 2006.

- a)** A candidata não foi aprovada. O gerente de recursos humanos da empresa (responsável pela seleção) excluiu o currículo, pois o achou muito confuso e acabou nem lendo. O que poderia ser feito para Luana melhorar seu currículo?

b) Veja o modelo de currículo a seguir e preencha-o com os dados que a candidata Luana apresentou no documento entregue para a seleção.

Luana Vieira dos Santos

Formação

- ---
- ---
- ---

Experiência

- ---
- ---
- ---

Atividades adicionais

- ---
- ---
- ---

Outras informações

- ---
- ---

2. Agora, vamos ler um modelo de currículo redigido para ver como esse documento pode ser organizado.

Gabriel Pereira Rodrigues

Travessa Sem Fim, 35 – Canindé – São Paulo – SP – Brasil
gprodrigues@email.com (11) 0000-8888

Observe que em todo o currículo são usados marcadores (•) que organizam melhor os itens.

Estudante do 2º ano do curso técnico integrado ao Ensino Médio em Programação e Desenvolvimento de Sistemas, com conhecimentos básicos em inglês, facilidade para trabalhar em equipe e dotado de iniciativa, busca colocação em empresa para atuar no primeiro emprego na área de desenvolvimento de programas e manutenção de sistemas.

Formação

- Cursando 2º ano do curso técnico integrado ao Ensino Médio em Programação e Desenvolvimento de Sistemas (Duração: fev. 2008 a dez. 2012).
- Cursos complementares: Inglês (Escola de línguas Let's Speak, 2 anos, conclusão em 2012).
- Oficina “Blog – relatando histórias da vida” na Oficina Cultural Patativa do Assaré (2006).
- Oficina “Como contar histórias” na ONG Viver e aprender (2007).

Experiência

- Jul. 2007 a jan. 2008 – Bolsista na ONG Viver e Aprender, como contador de histórias para crianças pequenas.

Atividades complementares

- 2007 a 2008 – Participação no grêmio da E. M. Mariana Mafalda, como organizador de jogos e eventos da escola.
- 2006 a 2008 – Participação em atividades comunitárias na ONG Viver e Aprender.

Outras informações

- Conhecimento básico de inglês.
- Bom grau de conhecimento do pacote Office e de ferramentas da internet.

a) Com o que Gabriel pretende trabalhar?

b) As informações estão organizadas em grandes tópicos e em itens. Você considera que isso facilita a leitura?

c) O que você observa em relação à ordem dos itens em um mesmo subitem?

d) Que tipo de informação o trecho sublinhado em roxo fornece?

e) E que tipo de informação o texto sublinhado em laranja contém?

f) Vocês observaram que o currículo está dividido em algumas seções com diferentes informações. Com sua turma, procure definir que tipo de informação deve ser incluída nas diferentes seções. O trabalho que você fez na linha do tempo pode ajudá-lo a identificar capacidades desenvolvidas que agreguem qualidade a seu currículo. Procure identificar atividades que tenham contribuído com esse aprendizado.

Formação:

Experiência:

Atividades complementares:

Outras informações:

3. A seguir, você verá alguns anúncios que pedem envio de um currículo.

Escolha um pelo qual se interesse mais. Preencha o modelo da página 162:

Observe que no anúncio da Oficina de Maquiagem solicita-se o envio de uma carta de interesse, que visa a apresentar o candidato e contenha as informações mais importantes de seu currículo. Ao escrever uma carta de interesse:

- a)** Informe a vaga para a qual está se candidatando. Dê referências (se tiver). Mencione o lugar em que o anúncio foi visto.
- b)** Demonstre seu interesse pelo cargo e determinação em obtê-lo.
- c)** Apresente razões para que considerem que você é a pessoa certa para o trabalho ou curso. Faça um sumário com os dados mais importantes do currículo. Lembre-se de mencionar o currículo anexo, ou a pessoa pode se esquecer de lê-lo.
- d)** Faça uma declaração de que está disposto a fornecer referências e disponível para entrevistas.
- e)** Escreva a carta com três ou quatro parágrafos, no máximo.

**ASSISTENTE DE TÉCNICO DE
INFORMÁTICA**

1 vaga, conhecimento de informática,
enviar currículo para info@email.com.

OFICINA DE INICIAÇÃO TEATRAL

30 vagas

3/9 a 26/11 – quintas-feiras – 18h30 às 21h30

Público-alvo: iniciantes na área

Faixa etária: adolescentes e adultos

Seleção: currículo

initeatro@email.com

Inscrições: 27/7 a 29/8

OFICINA DE MAQUIAGEM TEATRAL

25 vagas

Coordenação: Ivon Mendes

8/9 a 12/11 – terças e quintas-feiras – 9h30 às 12h30

Público-alvo: iniciantes e interessados com conhecimento
intermediário na área

Faixa etária: adolescentes e adultos

Seleção: carta de interesse e aula teste dia 3/9 – 9h30 às 12h30

Inscrições: 27/7 a 2/9

Rua das Flores Amarelas, nº 256

(Nome) _____

Endereço: _____

E-mail: _____

Telefones: _____

(Apresentação e objetivo)

Formação

Experiência

Atividades complementares

Outras informações

Esse é seu currículo! Que bonito, hein?! Quanto aprendizado! Esperamos que esse trabalho tenha propiciado a você e a seus colegas um olhar atento para o processo que ocorre com todos nós desde que nascemos: a aprendizagem. Esperamos que tenha gostado de trabalhar com seu currículo e, a partir daí, possa procurar e encontrar caminhos para enriquecê-lo. Ah, não se esqueça: enriquecer um currículo não é só fazer cursos para atender às exigências pontuais; significa, sobretudo, incluir em sua vida experiências que o enriqueçam cultural, afetiva, social e intelectualmente. Enfim, abra espaço para boas experiências individuais e coletivas. Isso por certo enriquecerá bastante sua vida e, conseqüentemente, seu currículo!



Se tiver oportunidade, você ainda pode ajudar algum colega da EJA (Educação de Jovens e Adultos) ou alguém de sua família a fazer o currículo. Mostre-lhes o modelo, solicite e organize as informações de que precisar.

Caso você pretenda encaminhar o currículo para alguém ou para alguma empresa, precisará de um computador para digitá-lo e imprimi-lo, pois, em hipótese alguma, pode-se entregá-lo escrito à mão. Nos telecentros da Prefeitura, é possível imprimir um currículo.

[illegible]

UNIDADE 4

LENDO E PRODUZINDO RELATO HISTÓRICO

Para começo de conversa

Vamos começar pensando um pouco sobre as seguintes questões: o passado nos interessa? Para que nos serve conhecer o que aconteceu no passado da humanidade? De que modo temos acesso a relatos sobre ele?

Para sabermos o que aconteceu no passado, recorreremos a relatos orais, documentos históricos e pessoais – cartas, fotografias, certidões –, biografias, enciclopédias, textos literários, documentários, museus, filmes, pinturas, esculturas etc.

Os estudos históricos permitem que se conheçam e se analisem períodos diferentes da vida em sociedade, com base em questões sociais, econômicas, políticas, culturais. Entender o passado contribui para formar o espírito crítico das pessoas e, com isso, compreender diversos aspectos do presente.



Nesta Unidade, vamos estudar o relato histórico, qual a função social desse gênero, como ele é elaborado. Ao final, você escreverá um relato histórico sobre meios de comunicação e o apresentará oralmente para a comunidade escolar.

E onde estão as informações históricas? Vamos tomar como exemplo as fotografias familiares. Que informação histórica elas trazem? Elas mostram acontecimentos em uma família, como aniversários, passeios, nascimentos, mas também ajudam a perceber mudanças de costumes, por meio da observação das vestimentas, dos cortes de cabelo, dos utensílios domésticos, dos automóveis etc.

Vamos começar analisando fotos sobre a presença da tecnologia no cotidiano das famílias. Observe as fotos e as informações das legendas.

- O que essas imagens têm em comum?
- Do que tratam?

Foto 1



Em 1946, quem tinha um aparelho de rádio em casa era obrigado a pagar uma licença. Se um fiscal fosse a uma casa que tivesse um rádio e o dono não apresentasse a licença paga, este sofria uma pesada multa.

Foto 2



No Brasil, em 1950 foi inaugurada a TV Tupi de São Paulo. Um ano depois havia cerca de 7 mil aparelhos de televisão entre Rio de Janeiro e São Paulo.

Foto 3



Atualmente têm se popularizado cada vez mais no Brasil os aparelhos de TV de plasma, LCD e LED.

Foto 4



O que antes era apenas ficção hoje é uma realidade nas famílias dos grandes centros: a tecnologia e os compromissos vêm alterando hábitos e costumes.

Essas fotografias mostram a tecnologia na vida das pessoas em diferentes épocas.

1. Como tais informações chegam até os dias de hoje? Assinale algumas possibilidades:

- ☐ a) pelas histórias contadas através das gerações.
- ☐ b) pelas opiniões de pessoas de nossa época sobre o futuro.
- ☐ c) por objetos de outros momentos históricos.
- ☐ d) por imagens – fotos, pinturas – do passado.
- ☐ e) por objetos artísticos de outras épocas.
- ☐ f) por filmes sobre outros períodos históricos.

Todas as alternativas acima constituem o que se chamam **fontes históricas**.

Elas fornecem elementos que ajudam a interpretar dado momento histórico e a produzir textos que divulguem esses dados e essa interpretação.

Historiadores e jornalistas usam as fontes históricas para produzir seus textos e os publicam em livros, jornais, *sites*, revistas e livros didáticos.

Esses textos são denominados **relatos históricos**.

2. Como você, sua família e seus amigos lidam com a tecnologia? Vocês têm aparelhos diversos de última geração? Qual a importância deles em sua vida? Por quê?

3. Se, daqui a cem anos, alguém quisesse saber como a tecnologia estava presente na vida das pessoas de nossa época, que fontes poderia consultar?

ATIVIDADE 1 *As festas populares: como as pessoas se divertiam em outros tempos*

O carnaval é uma manifestação cultural e histórica e, por isso, sofreu várias alterações ao longo do tempo. Observe as fotos e as informações das legendas.

- O que essas imagens têm em comum?
- Do que tratam?

Foto 1



ARQUIVO/AE

Desfile de carnaval na rua Direita, c. 1905, em São Paulo (SP).

Foto 2



ANTÔNIO CRUZ/ABR/WIKIPEDIA.ORG

Bloco de rua durante o carnaval em Olinda (PE).

Foto 3



DREAMWORKS/UNIVERSAL PICTURES/ BUITENDIJK, JAAP/ALBUM/LATINSTOCK

Cena do filme *O gladiador* (2000, EUA), dirigido por Ridley Scott.

As fotos 1 e 2 mostram como as pessoas se divertiam ou se divertem em diferentes épocas. A foto 3 é a cena de um filme de 2000, cuja história é ambientada no período do Império Romano, e também retrata um momento de diversão.

- Como é possível sabermos como as pessoas se divertiam em épocas passadas?
- Como tais informações chegam até os dias de hoje?
- Como você, sua família e seus amigos se divertem? Vocês costumam pular/brincar o carnaval?

Leia, a seguir, um relato escrito por uma historiadora, autora de diversos materiais e livros didáticos. Observe atentamente palavras e expressões escolhidas para a construção do texto.

Como as pessoas se divertiam em outros tempos

Conceição Cabrini

Em geral, as festas populares estão relacionadas a marcos de celebração e de passagem e, na maioria das vezes, têm uma dimensão religiosa, por exemplo, as festas juninas, carnaval, Divino, Santos Reis, São Benedito e do Rosário. Nelas, há fartura de comida, ritmos abundantes, representações exageradas (bonecos, fantasias), risos, brincadeiras, gracejos, deboche e sonhos. É o momento em que se liberta da disciplina do trabalho e quando as hierarquias sociais são invertidas.

Desde a Antiguidade, as festas são conhecidas por seu caráter de inversão da ordem. Nesse dia, os festeiros trocam o trabalho pela brincadeira, o homem se fantasia de mulher, os rituais de casamento são debochados, os padrões são ridicularizados e os corpos são expostos e fantasiados.

A Igreja católica, desde o período medieval, procurou normatizar essas festas populares, por isso, elas estão, comumente, relacionadas ao calendário religioso do catolicismo, como é o caso das festas dos solstícios de verão e inverno – ciclo natalino, da véspera de Natal aos Santos Reis, e as festas de São João, conhecidas por festas juninas.

As festas têm longa permanência histórica e são ressignificadas no tempo, como as procissões que relembram os eventos religiosos católicos ou a congada, de origem africana, praticada desde o período colonial. Esta última, dança dramática que rememora a coroação do rei do Congo e da rainha Ginga, estava presente nas festividades de homenagem à Coroa (aclamação do soberano ou casamentos reais) ou aos santos da Igreja na América. Atualmente, congada e moçambique são dançadas nas festas de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, em várias regiões do Brasil.

No entrudo, festa introduzida no Brasil pelos portugueses, a elite brincava com limões de cheiro – bolas de cera cheias de água perfumada –, com os quais se organizavam batalhas entre os passantes nas ruas das cidades. Por muito tempo, esse conjunto de brincadeiras e folguedos, praticados principalmente no Rio de Janeiro pelas camadas populares, significava o mesmo que carnaval, realizado quarenta dias antes da Páscoa. No final do século XIX, as elites cariocas condenaram o entrudo por considerar seus folguedos brutais.

Em substituição a essas brincadeiras foi trazido para o Brasil o modelo carnavalesco veneziano, com bailes, batalha de confetes e máscaras importadas da Europa. Embora reprimidas, as classes populares continuaram com o carnaval de rua paralelo, com as brincadeiras e folguedos do entrudo. No lugar das máscaras importadas, satirizavam as autoridades e desafiavam a polícia com fantasias de diabinhos.

- 1.** Com base no título do texto e no relato histórico, em sua opinião, do que trata o texto? Explique.

- 2.** Podemos afirmar que os fatos relatados são inventados? Justifique sua resposta.

- 3.** O relato apresenta dados e momentos históricos precisos? Com que objetivo?

4. Quais são as informações principais em cada um dos parágrafos?

Informações principais do relato	
Primeiro e segundo parágrafos	
Terceiro parágrafo	
Quarto parágrafo	
Quinto parágrafo	
Sexto parágrafo	

5. Releia o segundo parágrafo e sublinhe as formas verbais:

Desde a Antiguidade, as festas são conhecidas por seu caráter de inversão da ordem. Nesse dia, os festeiros trocam o trabalho pela brincadeira, o homem se fantasia de mulher, os rituais de casamento são debochados, os padrões são ridicularizados e os corpos são expostos e fantasiados.

a) Qual é o tempo verbal predominante?

☐

presente

☐

pretérito

☐

futuro

b) A predominância desse tempo verbal no trecho do relato histórico:

☐

mostra que o fato relatado acontece no presente.

☐

indica que fatos do passado continuam a acontecer no presente.

☐

sugere que os fatos continuarão a acontecer no futuro.

6. Observe que o relato histórico está escrito em terceira pessoa. Em sua opinião, por que isso acontece?

7. Tendo em vista a estrutura do texto e a intenção da autora observada na questão 2, é possível considerar o relato histórico um registro “neutro”, que apenas descreve os fatos, sem levar em conta a opinião dos autores? Por quê?

- 8.** Por ser um relato histórico com estilo didático, ao longo do texto, alguns termos e expressões são explicados. No quadro a seguir, organize os termos e expressões e a respectiva explicação dada pela autora para os estudantes:

Termos e expressões utilizados pela autora	Explicação
“caráter de inversão da ordem”	

- 9.** Em sua opinião, que fontes foram consultadas pela historiadora que produziu esse relato histórico? Troque ideias com alguns colegas e registre as conclusões do grupo.

ATIVIDADE 2 Que fontes alimentam o relato histórico?

A gravura e o texto a seguir sobre festas populares são como um testemunho, uma comprovação daquilo que está escrito. Para entender o contexto de sua produção, leia alguns dados sobre o pintor francês.

Jean-Baptiste Debret (1768-1848) foi um pintor e ilustrador francês. Chegou ao Rio de Janeiro em 1816, em uma comitiva de artistas a pedido do rei dom João VI, e viveu no Brasil até 1831. Suas obras retratam o cotidiano e as pessoas comuns, na rua ou em casa, assim como a vida de índios e escravos.



BIBLIOTECA BRASILIANA USP

Jean-Baptiste Debret, em *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, deixou-nos uma “Cena de carnaval”, acompanhada da sua descrição: a cena passa-se à porta de uma venda, na esquina de uma rua do Rio de Janeiro, e nela se vê um moleque jogando água de uma longa seringa de latão, enquanto um negro enche de polvilho o rosto de uma negra com um cesto de provisões à cabeça. Sentada à porta da venda está uma negra velha com um tabuleiro onde vende limões de cheiro e polvilho. Embora o entrudo fosse principalmente uma festa da população negra, que se divertia com água e polvilho nas praias e chafarizes da cidade, por vezes fantasiando-se com trajes de europeus, a população branca também participava dos folguedos e munida dos limões de cheiro, mais caros. Durante três dias, de domingo a terça-feira, brincava-se de manhã cedo até ao toque das ave-marias e os próprios estrangeiros, sobretudo franceses e ingleses, travavam animadas batalhas das janelas para as ruas. A roupa molhada logo era trocada e as moças sempre se orgulhavam do número de vezes que tinham trocado

Entre 1834 e 1839, Debret publicou *Voyage pittoresque et historique au Brésil, ou Séjour d'un artiste français au Brésil* (Viagem pitoresca e histórica ao Brasil, ou Estadia dum artista francês no Brasil), uma série de gravuras reunidas em três volumes. A obra registra usos e costumes da sociedade brasileira no Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XIX.



Dia de entrudo, 1823, de Jean-Baptiste Debret, litografia (Brasiliana USP).

de vestido. Ao fim do dia, a paz chegava às ruas, as rondas policiais passavam e os negros e populares reuniam-se nas vendas para comer o seu peixe frito.

SILVA, Maria Beatriz Nissa da (Coord.). *Dicionário da história da colonização portuguesa no Brasil*. Lisboa: Verbo, 1994, p. 292.

1. Que palavras e expressões relativas às festas populares da descrição da gravura de Debret estão também presentes no relato histórico?

2. Observe o trecho a seguir:

Embora o entrudo fosse principalmente uma festa da população negra, que se divertia com água e polvilho nas praias e chafarizes da cidade, por vezes fantasiando-se com trajos de europeus, a população branca também participava dos folguedos e munida dos limões de cheiro, mais caros.

Em sua opinião, qual a função e o uso da palavra em destaque no texto?

- ☐ a) Função de advérbio, no sentido de “em boa hora”.
- ☐ b) Função de conjunção, no sentido de “ainda que”, “se bem que”.
- ☐ c) Função de interjeição, no sentido de “tanto faz, ora!”.

- 3.** No verbete do dicionário, é possível observar que a descrição da gravura de Debret tem uma sequência descritiva, uma expositiva (ou opinativa) e outra narrativa. Onde começa e termina cada uma?

- 4.** Escolha uma fotografia de foliões de carnaval e faça uma descrição semelhante à feita para a gravura de Debret, com detalhes sobre o lugar (onde foi tirada a foto, o que se vê no cenário) e as pessoas fotografadas (o que estão fazendo, como estão vestidas etc.).



Além das pinturas e gravuras, textos literários e relatos pessoais também são muito utilizados para recompor épocas passadas. Diários, cartas, crônicas de estrangeiros constituem importantes fontes de pesquisa para os historiadores comporem seus relatos.

A educadora alemã Ina von Binzer, que viveu em São Paulo e no Rio de Janeiro no período de 1881 a 1883, escreveu muitas cartas à amiga Grete, contando seu espanto e encantamento pela cultura brasileira, tão diferente da sua.

O romance epistolar narra a história de Ulla [pseudônimo usado pela autora], jovem professora alemã que vem ao Brasil trabalhar. As cartas que ela escreve são dirigidas a Grete, sua amiga na Alemanha. A moça emprega-se em uma fazenda no interior de Minas Gerais, onde dá aulas aos filhos do fazendeiro. Passa por diversas situações de dificuldade, provenientes da diferença cultural existente entre os povos brasileiro e alemão. Sem ganhar o suficiente para pagar a passagem de volta e exposta ao estresse, a moça cai doente e muda-se para o Rio de Janeiro. Lá sua situação não muda muito, pois sofre em meio a uma cultura completamente diferente da sua.

Disponível em: <www.webartigos.com>.

Para compor o título da edição brasileira, os editores se inspiraram na maneira como Ina se referia aos filhos da família Prado, de São Paulo. Ela os chamava de "meus romanos", em uma alusão a seus nomes: Caio, Plínio, Lavinia, Cordélia e Clélia.

Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1882.

Grete: você já foi alguma vez ao dentista para arrancar um sólido dente do siso? Talvez...

Mas aconteceu por acaso de lhe atirarem ao rosto, que você cuidadosamente procurava proteger, um projétil duro que estoura, enquanto um jato de água com cheiro de patchuli escorre pelo seu pescoço baixo? Não?

Patchuli: erva nativa da Índia; o mesmo que capim-limão.

Bile: substância secretada pelo fígado; mau gênio, mau humor; irritabilidade.

Então você não pode fazer ideia da quantidade de bile que possui. Não me contradiga: você não sabe mesmo. Pelo menos, de minha parte, quando me aconteceu isso que lhe estou contando agora, tive uma inesperada revelação sobre o poder do meu ódio, ficando bastante humilhada diante de mim mesma e perdendo a boa opinião que tinha a meu respeito.

Fiz esta descoberta na rua dos Ourives. Seu primeiro efeito foi, como lhe disse, o de roubar-me de um só golpe as lindas ilusões que mantinham em relação à amenidade de minha índole mas — “paff”! um segundo projétil com sua conseqüente inundação escolheu o lado oposto, apagando minha autoacusação e me enfurecendo de novo: “piff”!, outro passou e mais outro pelo meu nariz, indo rebentar na parede, atrás de mim. Procurava abaixar-me para verificar a forma desses terríveis projéteis — “puff”, um estalo chocho na minha nuca despeja água pelas minhas costas abaixo... Alucinada de tanta raiva, estaquei, esquecendo completamente minha dor de dentes, e comecei a olhar em volta.

Cercavam-me rostos onde se refletia o atrevido contentamento de quem vê diante de si a manifestação de uma fúria impotente: senhores elegantes, mulatinhos sujos, caixeiros, vadios e até senhoras nas sacadas pareciam transformados em demônios, rindo-se todos juntos como se

tivessem conspirado contra aquela pobre infeliz torturada pela dor de dentes, alvejando-a com os tais objetos resistentes e encharcantes.

Encostei-me instintivamente contra uma casa, para ao menos proteger-me pelas costas — “rrrrrr”, um aguaceiro desabou sobre meu chapéu (com pluma verdadeira!), ensopando-o e desaguando pela minha gola.

Sentia-me completamente atordoada. Que significava aquilo? Que explicação poderia encontrar? Estaria realmente acordada, numa das melhores ruas do Rio, ou aquilo tudo não passava de um pesadelo?

De uma janela, junto à qual me achava parada, perplexa, debruçava-se sorridente uma moça brasileira a quem me dirigi; mas ela levantou a mão, um frascozinho brilhou — “buiist” “buiist” e incontinenti meus dois olhos foram postos fora de combate. Era demais!

Cheia de ódio impotente, sentia ao mesmo tempo um incrível temor apoderar-se de mim, diante de todos esses inimigos gratuitos, percorrendo o resto do caminho como se Belzebu em pessoa estivesse me perseguindo.

Ao chegar ao dentista tremendo de raiva dos pés à cabeça e espargindo respingos, banhada em lágrimas, caí no sofá da sala de espera do Dr. Muller, que havia uma semana estava tratando de meus dentes.

— Mas que lhe aconteceu, minha cara senhorita? — indagou ele da sala contígua.

Quando entrou e me viu ali sentada, pingando, sua expressão modificou-se, tomando o já citado ar de gozo. Percebi que dificilmente se continha para estourar de rir.

— Meu Deus! — exclamei indignada em último grau — que se passa aqui no Rio? Enlouqueceram todos?

Então, o Dr., serrindo, tomou-me pela mão, levou-me até o calendário e mostrou-me com dedo uma data do mês de fevereiro.

— Carnaval — soletei com um suspiro abafado!

O doutor começou então a retirar qualquer coisa de cima de mim.

— Que está fazendo? — perguntei desanimada.

— Estou retirando ao menos alguns pedaços de cera.

— Pedaços de cera? — repeti no mesmo desânimo, mas muito admirada.

— Sim, ao que parece deve ter recebido uma boa descarga de limões de cera cheios d'água; e durante este reinado, o Rio assim continuará até quarta-feira de cinzas.

Reinado: em sentido figurado, período em que vigora alguma coisa.

Para quarta-feira de cinzas, nessa data, faltavam ainda onze dias! Com grande terror calculei que a quantidade de água de patchuli nas cascas de cera, sem acrescentar-lhe a água jogada com baldes, daria nestes onze dias, provavelmente, para cobrir a distância que nos separava do meu guarda-roupa; esmaquei a metade de um ovo de cera que retirei de meu punho molhado.

— Então o dente por hoje está salvo? — perguntou-me o doutor serrindo.

— Não, ao contrário! — exclamei com renovada energia. — Preciso descarregar minha raiva em qualquer coisa e será em mim mesma. Arranque. Arranque!

E assim fiquei com um siso a menos.

Trecho de uma carta de Ina Von Binzer.
BINZER, Ina Von. *Os meus romanos*: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil. Tradução de Alice Rossi e Luisita da Gama Cerqueira. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 67-69.

5. Em que parte da carta é possível saber que Ina foi vítima de brincadeira de carnaval?

6. Você sabe o que é dente do siso, mal que atormentava Ina no episódio narrado na carta?

7. Em que trecho da carta é possível perceber que Ina é estrangeira?

8. Que palavras a autora usa para identificar/caracterizar seus agressores?
Que sentimentos elas revelam?

9. Em sua opinião, qual dos três textos descreve o entrudo carioca com mais precisão? Justifique sua resposta.

- ☐ a) O relato histórico
- ☐ b) A descrição de Debret
- ☐ c) A carta de Ina

10. Ao escrever uma carta pessoal, Ina teve a intenção de contar à amiga suas alegrias e tristezas em um país bem diferente e distante da terra de ambas. Qual seria, então, a intenção dos editores ao publicar, em português, as cartas de Ina, quase cem anos após a primeira edição em alemão?

Leia, a seguir, uma notícia publicada no jornal *Correio de Sergipe*, em 2008, a respeito do carnaval de rua da cidade de Neópolis.



“Zé Pereira” arrasta foliões em Neópolis

Em Neópolis, distante da capital [Aracaju] 123 quilômetros, o tradicional Carnaval do “Zé Pereira” arrastou mais uma vez milhares de moradores e turistas pelas ruas da cidade. A folia de Momo foi animada por inúmeras bandinhas de frevo, bem como pela divertida e tradicional brincadeira do “mela-mela”.

Nas principais ruas, os moradores não dispensam a chance de melar uns aos outros com uma mistura de farinha, sucos artificiais, corantes, água e goma. Segundo a Polícia Militar, a folia chegou a levar mais de 35 mil pessoas para as ruas da cidade.

Correio de Sergipe.com, 8 fev. 2008. Disponível em: <www.correiodesergipe.com>.

- 11.** Quais são as semelhanças entre essa folia do século XXI e o entrudo do século XIX, relatado nos textos anteriores?

- 12.** Complete os quadros com dados dos textos lidos sobre o carnaval.

Texto e gênero: RELATO HISTÓRICO

Autor e profissão	
Suporte e circulação	
Objetivo	
Leitor	

Texto e gênero: VERBETE SOBRE A IMAGEM

Autor e profissão	
Suporte e circulação	

Objetivo	
Leitor	

Texto e gênero: CARTA

Autor e profissão	
Suporte e circulação	
Objetivo	
Leitor	

Texto e gênero: NOTÍCIA

Autor e profissão	
Suporte e circulação	

Objetivo	_____

Leitor	_____

ATIVIDADE 3 *As novas tecnologias na vida contemporânea*

TEXTO 1



JUSTIN HORROCKS / ISTOCKPHOTO

Geniais e renegados

Computador, carro, TV, telefone, rádio... Você consegue imaginar sua vida sem eles? Nos últimos dois séculos, invenções revolucionárias enfrentaram o descrédito antes de emplacar.

“Acho que no mercado mundial há lugar talvez para cinco computadores”, afirmou ninguém menos que o presidente da IBM, Thomas Watson, em 1943. Prever o futuro é certamente uma ciência inexata. Inclusive no mundo bem palpável da tecnologia. Computador, automóvel, rádio... Inventos hoje indispensáveis à sua vida, revolucionários quando surgiram, amargaram tempo, dinheiro e descrédito antes de vingar.

A declaração de Watson, que assumiu o comando da IBM em 1914, soa absurda, mas deve ser examinada no contexto em que foi dita. Por muito tempo o computador foi considerado um aparelho sem apelo comercial. “Era uma máquina de fazer contas rapidamente e não parecia tão necessária”, afirma Ivan da Costa Marques, professor de História da Ciência da UFRJ. O cientista-chefe da IBM Brasil, Fábio Gandour, lembra que a interface de comunicação da máquina era outra, exigia o domínio de linguagens de programação e levou muito tempo antes que se tornasse

multifuncional. O computador é uma criação coletiva, resultado de uma série de adaptações. Da ideia da notação binária (1679) ao IBM Mark 7 (1987), precursor dos *mainframes*, a transformação foi gigantesca. Já o primeiro computador eletrônico, de 1941 (gigantesco e ainda assim limitado), foi impulsionado pela Segunda Guerra. Mesmo elementos cruciais na evolução do equipamento, como o *chip*, foram menosprezados. “Mas... para que serve isso?”, disse o executivo da IBM Robert Lloyd a respeito do circuito integrado em miniatura, novidade nos anos 1950.



Honeywell Kitchen Computer.

A primeira versão doméstica do PC ajudou a desacreditar o computador como um item para se ter em casa. Em 1969, a loja de departamentos Neiman Marcus lançou o Honeywell Kitchen Computer. Por 10.600 dólares, a moderna dona de casa americana podia ter uma máquina para armazenar e consultar receitas culinárias. Claro que ainda era bem mais barato e prático manter um caderno de papel e o Honeywell foi um fracasso. “Não há razão para que alguém queira ter um computador em casa”, disse Ken Olson, presidente da Digital Equipment Corp., ainda em 1977. De instrumento para fazer contas a janela virtual, é fato que a aceitação do computador cumpriu etapas, em função das ferramentas que oferecia e da incorporação destas no cotidiano das pessoas. “Quando inventaram o marca-passo, em 1941, ele foi tratado como um computador cardiológico. Ninguém queria usá-lo, achando que os transformaria em robôs ou em seres insensíveis. Hoje não se pensa mais assim”, diz a professora de História da Tecnologia da UFRS, Marília Levacov.

Nem todas as invenções foram introduzidas na sociedade de forma tão gradual. Desde que os irmãos Lumière criaram o cinematógrafo, em 1895, havia o desejo de sincronizar imagem e som. Apresentações de música ao vivo animavam a exibição das películas. Depois foram usados discos, mas os esforços para incrementar o áudio seguiam firmes. Mesmo assim, Harry Morris Warner, cofundador do estúdio Warner Brothers Pictures, declarou, em 1927: “Quem diabos quer ouvir os atores



Irmãos Lumière.

falando?”. Mas a empresa já ajudava a desenvolver a técnica necessária e no ano seguinte exibiu *Luzes de Nova York*, integralmente falado e sonorizado. O cinema mudo entrou em decadência imediatamente. E sob protestos. “Ninguém mais sente, ninguém mais age, todo mundo fala e canta”, reclamou o escritor Octávio de Faria, em artigo de 1930 para a revista *O Fan*. Nessa época, chique era chegar aos cinemas falados de carro particular. O caminho dos automóveis até aí, porém, não foi simples. Os primeiros protótipos com motor de combustão interna movido a gasolina são de 1889. Só que, em 1903, ao pedir um empréstimo ao Michigan Savings Bank para investir na revolucionária linha de produção do Ford T, o advogado de Henry Ford, Horace Rackham, ouviu do presidente George Peck: “O cavalo está aqui para ficar; mas o automóvel é apenas uma novidade, uma moda”. Quando os carros com motor a explosão começaram a rodar (barulhentos e a até 18 km/h), alguns foram apedrejados porque “ameaçavam a segurança pública”.

Por muito tempo, a humanidade encarou com menos rebuliço a criação de novas tecnologias, diz o historiador Jozimar Paes de Almeida, da Universidade Estadual de Londrina. “Fundamentados em suas experiências ao longo dos anos, os homens foram aperfeiçoando instrumentos e técnicas e, como isso ocorria no interior de suas comunidades, essas invenções não eram interpretadas com tanto assombro.” Isso mudou progressivamente com o crescimento das cidades, no fim da Idade Média. Houve uma especialização das profissões em determinados ramos de trabalho e um aumento do uso técnico e energético na produção de equipamentos e máquinas. A Revolução Industrial, nos séculos XVIII e XIX, é um marco importante desse processo.

Igreja

Para Carlos Maia, professor de História das Ciências da UERJ, até a interferência da Igreja era limitada, voltada para questões éticas ou metafísicas. Estudos mais recentes apontam que ela inclusive teria contribuído para o desenvolvimento de novas tecnologias, como na construção das catedrais. “Há muitos casos de boas ideias que surgem antes de seu tempo, que deixam de florescer por falta de condições experimentais ou linguagem adequada”, diz José Luiz Goldfarb, historiador da PUC-SP.

O padre brasileiro Landell de Moura estava tão à frente de seu tempo que a batina não evitou que fosse acusado de bruxaria ao estrear a radiodifusão em 1894 (quem levou a fama pela descoberta foi Guglielmo Marconi, que obteve a patente em 1896). Em 1900, um grupo de fiéis invadiu e destruiu seu laboratório dizendo que ele tinha um pacto com o demônio.



MARCO AURÉLIO CARDOSO MOURA/WIKIPÉDIA.ORG

Réplica do transmissor de ondas de Landell de Moura, construída por Marco Aurélio Cardoso Moura, maio de 2004.

Novidades costumam causar estranhamento, mas é certo que a forma como os artefatos são difundidos influencia seu progresso. Hoje (mais do que nunca) a promoção das invenções é crucial, segundo o presidente da Associação Nacional de Inventores, Carlos Mazzei. É esse processo que alimenta a mudança de hábitos do público e favorece que a tecnologia inovadora seja incorporada a nossa rotina. “Assim foi o caso do CD substituindo o vinil. Os marqueteiros estão aí para garantir isso”, diz. É, mas a História já provou que os investimentos na produção e divulgação em escala, por si sós, não resolveram o problema. Basta lembrar o computador que armazenava receitas ou o cigarro “sem fumaça” da R. J. Reynolds. Quando o lançou, em 1988, a empresa já tinha investido dez anos e 300 milhões de dólares para fabricá-lo. Complicado de acender, vinha com manual de instrução e o gosto era péssimo. Foi um desastre. “Em se tratando de tecnologia, melhor mesmo é não fazer previsões”, afirma, rindo, o cientista-chefe da IBM, Fábio Gandour.

ÁVILA, Roberta / Editora Abril. *Aventuras na História*, edição 82, p. 36-39, maio 2010.

1. Observe que a autora se dirige ao leitor em várias partes do texto, como no trecho “Você consegue imaginar sua vida sem eles?”. Em sua opinião, com que intenção ela utiliza esse recurso?

2. Os autores de relatos históricos costumam usar alguns recursos para tornar o texto mais confiável. Quais desses recursos você reconhece no texto “Geniais e renegados”?

- ☐ a) Dados em ordem cronológica.
- ☐ b) Uso de títulos e subtítulos.
- ☐ c) Depoimento de um especialista ou de uma autoridade no assunto.
- ☐ d) Explicitação de suas opiniões.
- ☐ e) Relação de causa e consequência entre os fatos relatados.
- ☐ f) Referência a instituições de pesquisa na área do tema relatado.
- ☐ g) Uso excessivo de figuras de linguagem, especialmente as metáforas.

3. De acordo com o texto, houve boa recepção das novas tecnologias, como o computador e o marca-passo, quando surgiram no mercado? Como a postura da sociedade se modificou?

4. É possível considerar o texto um relato histórico? Justifique sua resposta.

O relato histórico pode também ser considerado um texto de divulgação científica. Em revistas especializadas, por exemplo, é comum encontrarmos relatos e depoimentos. Tal característica revela que o jornalista e o historiador procuram reunir diversas fontes sobre o tema de que tratam. Seu trabalho consiste justamente em entrevistar diversas pessoas, recolher registros falados e escritos, analisar documentos etc.

5. No relato histórico da jornalista Roberta Ávila, é possível perceber que ela recorreu a diversas fontes, relatos e depoimentos para compor seu texto.

a) Quem são as pessoas que a autora cita como fontes?

b) É possível afirmar que as citações revelam falas de autoridade? Como se percebe isso no texto? Dê um exemplo.

6. Observe o uso das declarações ou citações nos trechos do relato histórico:

“Acho que no mercado mundial há lugar talvez para cinco computadores”, afirmou ninguém menos que o presidente da IBM, Thomas Watson, em 1943.

“Era uma máquina de fazer contas rapidamente e não parecia tão necessária”, afirma Ivan da Costa Marques, professor de História da Ciência da UFRJ.

Mesmo assim, Harry Morris Warner, cofundador do estúdio Warner Brothers Pictures, declarou, em 1927: “Quem diabos quer ouvir os atores falando?”.

O cientista-chefe da IBM Brasil, Fábio Gandour, lembra que a interface de comunicação da máquina era outra, exigia o domínio de linguagens de programação e levou muito tempo antes que se tornasse multifuncional.

a) Liste os elementos comuns nas declarações ou citações.

b) Você notou alguma diferença entre essas formas de apresentação do discurso de outras pessoas pela jornalista?

c) Normalmente, as citações e declarações de pessoas envolvidas conferem maior credibilidade aos fatos relatados. Por isso, é comum os jornalistas e historiadores incluírem várias declarações de maneira direta (pela reprodução da fala da pessoa) ou indireta (pelo relato da fala pelo autor). No texto lido, qual é a estratégia mais utilizada: o discurso direto ou indireto?

d) Quais são os verbos que acompanham as citações nesse relato histórico?

e) Por que a jornalista utiliza verbos diferentes para introduzir ou comentar o discurso das pessoas?

Agora, você vai ler outro relato histórico, publicado na seção “Como fazíamos sem...”, da revista de divulgação científica *Aventuras na História*, cujo título é: “Tocadores de música”. Sobre o que você acha que o relato histórico comenta?

TEXTO 2

Como fazíamos sem...

Tocadores de música

Cilindros metálicos e vinis evoluíram até que a música se tornou portátil.

Escolher o gênero da música que você quer escutar e decidir quando, onde e o volume em que prefere ouvi-la são ideias tão triviais que parece impossível imaginar o homem sem elas. Mas as melodias estiveram presentes na História mesmo quando não havia equipamentos para sua reprodução. Os povos primitivos, por exemplo, usavam a música como forma de defesa e ataque. “De início não era consciente, porque os sons eram naturais, como gritos e batuques”, afirma Eduardo Anderson Andrade, do Instituto de Artes da Unicamp. Já na Antiguidade, os gregos conviviam com a música por meio do teatro. Durante a Idade Média, ela passou a existir principalmente nas tabernas. Nesses locais sempre havia um alaúde (instrumento de corda semelhante ao violão) pendurado na parede, pronto a quem se arriscasse a dedilhá-lo.



O primeiro mecanismo da História capaz de gravar e tocar som surgiu em 1877, pelas mãos do inventor norte-americano Thomas Edison. Foi ele quem desenvolveu o fonógrafo, aparelho que funcionava com uma manivela, captando a vibração sonora e gravando-a em cilindros de metal. Girado novamente, reproduzia o áudio registrado. Dez anos mais tarde o alemão Emile Berliner criou o gramofone: substituiu os cilindros metálicos por discos planos, facilitando a produção de cópias e o barateamento das gravações. O marco seguinte veio em 1948 com a chegada do vinil, um tipo de plástico mais flexível e resistente. Daí por diante, a música se tornou um bem individual e portátil. [...] Surgiram a fita cassete e o *walkman* [...], depois, o CD (disco compacto, em português) e o *discman*. O hábito de escutar música culminou, no fim dos anos 90, na evolução dos tocadores de MP3. Os aparelhos de dados que ocupam pouco espaço na memória. Isso os deixa mais versáteis; medindo o tamanho de um dedo, chegam a armazenar horas de músicas.

GEORGINO, Érica / Editora Abril. *Aventuras na História*, edição 80, p. 24, mar. 2010.

1. Como você costuma ouvir música?

2. O que você acha que motivou a revista a escolher essa temática para construir um relato histórico?

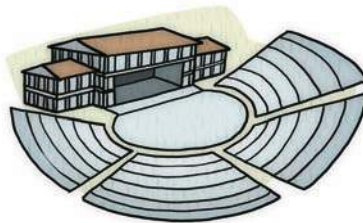
3. Você e um colega vão organizar as informações sobre a evolução dos tocadores de música em uma linha do tempo.

a) Primeiro, completem o quadro com as datas e períodos históricos mencionados no texto. Se necessário, façam pesquisas para complementar algumas informações.

Data, período ou expressão que situa a informação no tempo	Informação relevante
Povos primitivos	

Data, período ou expressão que situa a informação no tempo	Informação relevante

b) Seleccionem imagens ou façam desenhos para ilustrar sua linha do tempo em um cartaz. Escrevam nessa linha as informações levantadas, de acordo com o relato e com suas pesquisas.



Povos primitivos Antiguidade

4. Pergunte a seus professores, pais e avós como eles escutavam música quando tinham sua idade. Registre as respostas e compartilhe-as com os colegas.

ATIVIDADE 4 Produção de relato histórico

Nesta Unidade, você leu relatos históricos sobre as possibilidades de diversão e registro anteriores às tecnologias, sobre invenções revolucionárias e sobre tocadores de música.

Muitos equipamentos tecnológicos e de comunicação de nosso dia a dia têm histórias curiosas e um percurso que vale a pena ser contado.

Nesta última atividade, que tal fazer uma pesquisa sobre outras criações geniais que mudaram a vida das pessoas? O objetivo dela é fazer uma exposição oral com os relatos históricos sobre o surgimento dessas invenções.

Para isso, você começará discutindo o tema com seus colegas; em seguida, pesquisarão dados para a elaboração do relato histórico, que será a base para a exposição oral do grupo; depois, o conjunto dos relatos da turma dará origem a um “Catálogo das pequenas grandes invenções”.

De acordo com as orientações de seu professor e com as sugestões dos roteiros a seguir, façam suas escolhas e bom trabalho!

PARTE 1

Você é o pesquisador

Leia a crônica de Mario Prata e observe como ele comenta, de maneira bem-humorada, invenções que fazem parte do cotidiano e que, muitas vezes, passam despercebidas.

Quem inventou essa crônica?

Mario Prata

Não me surpreendem as grandes invenções. Bill Gates para mim é apenas um técnico esperto, é pinto. Queria saber o que ele teria inventado se vivesse há alguns séculos. Pra mim, a internet é fichinha perto de muitos outros inventos muito mais criativos e anônimos.

Você poderia me explicar como foi que descobriram que tinham que refogar a alcachofra e raspá-la nos dentes com aquele molhinho? Sim, porque um dia alguém começou a fazer isso. Durante anos, talvez séculos, a alcachofra ficou lá no mato, esturricada.

Adoro essas invenções. Pequenos detalhes da criação humana, descobertos por anônimos bill-gates da vida.

A pipoca, por exemplo. Você já pensou na pipoca? Só um louco colocaria milho dentro de uma panela fechada com óleo fervendo para ver o que aconteceria. Deve ter sido uma criança sapeca. O que significa, basicamente, que, antes do óleo e das crianças, não havia pipoca.

O grampo para cabeça. O grampo em si não deve ter sido difícil inventar. Mas quem inventou aquelas duas pequenas bolinhas nas pontas, para não ferir a cabeça, esse, sim, um gênio.

Deve ter sido um achado o dia que inventaram o retrovisor nos carros. Antes o sujeito tinha que ir guiando e olhando para trás o tempo todo, apesar dos poucos carros nas ruas. Mas tinham os cavalos. Por falar em cavalo, donde vem a ferradura? Invenção maldosa, meter pregos nos cascos dos pobres bichinhos. [...]

O clipe. Quando surgiu deve ter sido um furacão como foi o fax há alguns anos. O grampeador morreu de inveja. [...]

Quem inventou aquela maquina que a gente gira e mói a pimenta? E quem foi o primeiro sujeito a colocar pimenta na comida? Deve ter sido o mesmo que gostava de jiló.

Ovo frito vá lá. Mas o cozido já foi curtição que surgiu bem depois. Mas nunca ninguém conseguiu colocar o ovo em pé.

Vidro, tudo bem. Mas tem um objeto que você deve ter uns dez em casa: o espelho. Só pode ter sido sem querer. Duvido que um dia alguém ficou pensando “vou inventar o espelho para me ver melhor”. Uns dizem que foi a inimiga mortal da Branca de Neve. Outros atribuem o fato a Narciso.

O café também me intriga. Você olha ele lá no pé, vermelhinho, um gosto horrível. Mas teve um dia que alguém torrou o bruto, moeu e ainda misturou com o açúcar.

Um dia alguém ficou olhando para uma vaca e cismou com as tetas dela e foi lá. Talvez até de sacanagem. Deu no que deu: leite A, leite B, leite C e até leite condensado. Coitadinhas das vacas. Leite desnatado, gente. Queijo e manteiga devem ter sido moleza. Já estavam com a faca e o queijo na mão. [...]

Grande invenção o apontador de lápis. Aquele antigo onde você enfia o lápis e gira. Na minha infância a gente usava gilete usada dos pais. Geralmente cortava mais o dedo que o lápis.

E o cabide, hein?

O zíper também me surpreende. É coisa desse século.

Já o sádico que inventou o arame farpado foi um tal de Joseph Glidden, em 1874. No velho oeste, é claro. Já o biquíni é de 46, aquelas novidades de pós-guerra. Na França, é claro. Depois de tanta resistência... E o papel, que foi em 105 a.C.? E o papel-carbono, hoje tão em desuso? Mais velho que o papel é outro invento genial: o sabão. Foram os higiênicos sumérios, 2500 a.C.

Depois desta, vou para o chuveiro, outra grande invenção. E lá, ficar a cantarolar “quem foi que inventou o amor? Não fui eu, não fui eu”. Nem a dor e nem a toalha felpuda e macia.

O Estado de S. Paulo, 14 abr. 1996.

Disponível em: <www.marioprataonline.com.br>.

- 1.** Você sabe qual é a diferença entre invenção e descoberta? A crônica de Mario Prata trata apenas de invenções? Explique sua resposta.

- 2.** Faça uma lista com “os pequenos detalhes da criação humana” citados pelo autor.

3. Mario Prata comenta os fatos do cotidiano de maneira muito pessoal e, geralmente, bem-humorada. Na crônica, alguns comentários são uma brincadeira com o leitor, mas outros foram escritos com base em dados pesquisados. Que dados são esses?

Você gostou dessa crônica? Então visite o *site* oficial de Mario Prata e conheça outros textos do autor: www.marioprataonline.com.br.

4. A crônica de Mario Prata nos faz lembrar a importância das pequenas invenções. Reúna-se com três colegas e escolham um dos objetos da lista a seguir ou outro que preferirem, expondo para a classe por que ele é importante.

- Calculadora
- Máquina de escrever
- Computador
- Disquete, CD, MP3, *pen drive*
- Internet
- Fita cassete, DVD, disco *blu-ray*
- Celular (dos primeiros modelos ao *smartphone*)
- *Videogames* de todas as gerações

5. Depois de escolhido o objeto da pesquisa, façam um levantamento de fontes a serem consultadas, por exemplo:

- *Sites* especializados.
- Livros sobre invenções e história dos avanços tecnológicos que estão no dia a dia.

Sugestões:

- DUARTE, Marcelo. *O guia dos curiosos: invenções*. São Paulo: Panda Books, 2007.
- SOALHEIRO, Bárbara. *Como fazíamos sem*. São Paulo: Panda Books, 2007.
- YENNE, Bill. *100 invenções que mudaram o mundo*. Rio de Janeiro: Prestígio, 2003.

- Depoimentos de pessoas mais velhas, que podem ou não ter utilizado o objeto por vocês pesquisado. Como faziam antes de ele existir? Aproveitem para solicitar, se possível, um telefone ou celular antigo, uma foto de família, algo que possa enriquecer sua exposição oral.
- Depoimentos de especialistas em tecnologia, se for esse o caso da invenção sobre a qual vocês pesquisarão.

PARTE 2

Vocês são os autores do relato histórico

Feita a pesquisa, é hora de escrever o relato histórico.

- O texto deve conter informações confiáveis e precisas e ser escrito em terceira pessoa. Narrem fatos do passado em ordem cronológica e explicitem as conexões entre eles (causa e consequência, por exemplo), quando for o caso.
- Complementem o relato com a cronologia do desenvolvimento tecnológico em torno do objeto pesquisado. Essa cronologia pode ser registrada/elaborada em forma de lista ou de linha do tempo. Utilizem imagens (fotos ou desenhos) na construção da cronologia.
- Revisem o texto produzido e façam as correções necessárias. Depois troquem o texto com o de outro grupo, para que um possa fazer sugestões para aperfeiçoar o texto do outro.

PARTE 3

Hora da exposição oral

Quanto à apresentação em geral:

- Preparem um roteiro antes de elaborar a apresentação.
- Definam a estrutura da exposição. Vai iniciar pelo inventor? Pelo invento? Pela vida antes do invento?

- As informações devem obedecer a uma sequência de ideias e à ordem cronológica dos fatos.
- Treinem antes, em casa, sozinhos ou com ajuda, para fazer sua apresentação sem ler.
- Lembrem-se: a plateia (na sala de aula) precisa conseguir ouvir e entender o que está sendo dito.
- Todos devem se manter em silêncio durante a exposição oral; um participante não pode interromper ou corrigir outro.
- A plateia tem de respeitar cada grupo que se apresenta: colaborar com o silêncio, ouvir “com qualidade”, registrar os aspectos relevantes, aguardar o momento para fazer perguntas e comentários.

Quanto ao conteúdo:

- Os dados apresentados devem ser precisos (conteúdo correto).
- As opiniões têm de estar fundamentadas.
- Não deve haver afirmações ou informações preconceituosas.
- Objetos e imagens utilizados durante a exposição precisam ser ilustrativos e elucidativos, ou seja, estar intimamente relacionados ao tema escolhido.
- O nível de complexidade depende da plateia: falar para seus colegas (que também pesquisaram o assunto) é diferente de falar para alunos de outros anos. Um bom orador estuda a plateia e procura adequar sua fala à faixa etária dos ouvintes e a seu grau de conhecimento sobre o tema.

Quanto à apresentação:

- Levem em consideração o caráter de semiformalidade do evento.
 - Evitem marcas de oralidade informais: “né”, “tá”, “daí” etc.
 - Procurem articular bem as palavras para que sua voz, suas palavras sejam ouvidas e entendidas.
 - Não usem gírias e não falem palavrões (nem como brincadeira).
 - Façam um roteiro, estudem o assunto, ensaiem em casa, sozinhos em frente ao espelho ou para familiares. Quanto mais vocês dominarem o assunto, menos precisarão de uma fala decorada, pois terão segurança para falar.

– Cuidado com a postura:

- Não falem com as mãos nas costas ou nos bolsos.
- Vistam-se com discrição, mantenham a roupa alinhada.
- Não falem sentados, não apoiem os pés na parede.
- Olhem para todas as pessoas da plateia alternadamente ou coloquem o foco de visão acima da cabeça de todas.
- Vocês podem gesticular (sejam naturais), mas com moderação; há dois erros que as pessoas costumam cometer em uma apresentação: falta de gestos ou excesso de gestos.

RETOMANDO PERCURSOS

Chegamos ao final da Unidade! Você passeou pelo carnaval de diferentes épocas e lugares (e descobriu semelhanças entre eles), conversou e aprendeu curiosidades sobre inventos simples e geniais, teve a oportunidade de trocar informações com pessoas mais velhas sobre os tocadores de música de ontem e de hoje. Além disso, leu e analisou relatos históricos, escreveu o próprio relato, expôs para colegas e para a escola suas pesquisas.

Quanto trabalho! O que de tudo isso ficou para você? Registre seu percurso nesta Unidade. Você pode fazer um relato em primeira pessoa, um texto em itens ou até mesmo uma linha do tempo ilustrada.

UNIDADE 5

O TEATRO E SEUS SEGREDOS

Para começo de conversa

O teatro é um segredo. A única maneira de falar dele é falando de sua prática.

Louis Jovet

E quais seriam os segredos do teatro?

Você já foi ao teatro ou assistiu a uma peça teatral? Já leu algum texto teatral?

Conte para os colegas como foi essa experiência.

O francês **Louis Jovet**

(1887-1951) foi ator e diretor teatral. Muito atento às experiências teatrais, escreveu vários artigos sobre dramaturgia, cenografia e direção. Sua contribuição foi decisiva para a renovação do teatro clássico francês.

Em 1942, Louis Jovet esteve no Brasil com sua companhia de teatro, chegando a morar por alguns meses no Rio de Janeiro.



AFP



Que tal saber mais sobre o teatro e suas características? Com a participação de seus colegas e a ajuda do professor, nesta Unidade você terá a oportunidade de desvendar alguns dos segredos do texto teatral e de escrever uma peça de teatro. Seguindo as propostas do professor, poderá também encenar um texto escrito pelo grupo.

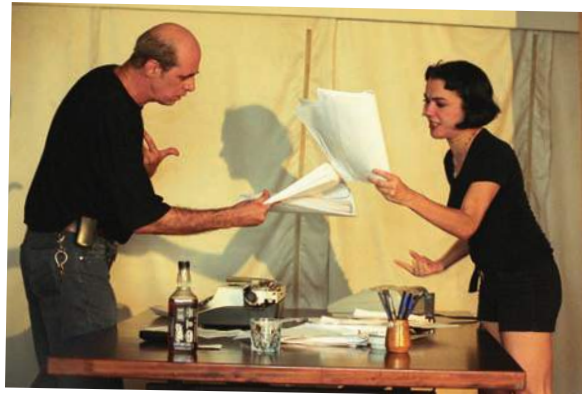
1. Observe as fotografias e comente com os colegas o que você sabe a respeito desses lugares, objetos e pessoas. O que essas cenas e pessoas têm em comum?

FLÁVIO FLORIDO/FOLHAPRESS



Plateia no Teatro Municipal de São Paulo.

GUILLERME MARANHÃO/FOLHAPRESS



Os atores Marcos Caruso e Bete Coelho fazem leitura da peça *Only you*, no auditório da Folha, em São Paulo (SP).

CAIO GUATELLI/FOLHAPRESS



O diretor Felipe Hirsch orienta o ator Wagner Moura durante ensaio da peça *Os solitários*, no teatro Alfa, em São Paulo (SP).

PHOTONONSTOP/AFP



Um dos teatros mais importantes da Grécia antiga foi construído na cidade de Epidauro entre 360 e 350 a.C.

MÁRIO ÂNGELO/FOLHAPRESS



Grupo de teatro de rua faz apresentação na praça do Patriarca, no centro de São Paulo (SP).

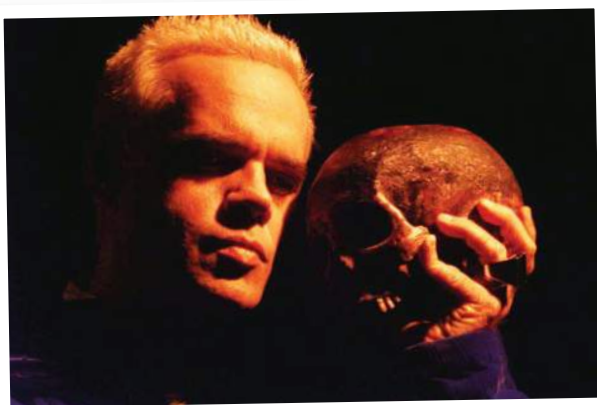
2. Agora, discuta com seus colegas e com o professor as questões a seguir.

a) O que vocês sabem dizer a respeito do teatro?

b) O que vocês gostariam de saber?

3. Reunidos em grupo de quatro alunos, elaborem um cartaz com o que vocês sabem sobre o teatro e sobre o que gostariam de saber. De acordo com as orientações do professor, apresentem para a classe as informações registradas.

FLÁVIO FLORIDO/FOLHAPRESS



O ator Diogo Vilela em cena da peça *Hamlet*, no teatro Alfa, em São Paulo (SP).

LENISE PINHEIRO/FOLHAPRESS



Cena da peça teatral *Hamlet*, com a Cia. do Teatro Popular do Sesi e direção de Francisco Medeiros, em São Paulo (SP).



O uso de máscaras como elemento teatral surgiu na Grécia antiga. A máscara da tragédia era utilizada pelo ator trágico para representar os temas referentes à natureza humana e ao controle dos deuses

sobre o destino dos homens. A máscara da comédia funcionava como um instrumento de crítica à política e à sociedade. As máscaras usadas no teatro grego para representar os dois principais gêneros dramáticos – a **tragédia** e a **comédia** – são hoje o **símbolo do teatro**.

EDUARDO ANIZELLI/FOLHAPRESS



As atrizes Carina Prestupa (à esquerda) e Thaís Póvoa, da companhia Lona de Retalhos, em cena da peça *Esperando Gordot*, em São Paulo (SP).

ATIVIDADE 1 Quem é quem no teatro?

Boa parte das encenações realizadas no teatro acontece graças à combinação de três elementos fundamentais: **atores**, **plateia** (ou **público**) e **texto teatral**. Nesta Unidade, vamos dar especial atenção ao texto de teatro, ou texto teatral. A peça de teatro é um conjunto maior e envolve diversos elementos, como veremos adiante.

- 1.** Converse com os colegas e com o professor a respeito das seguintes questões e anatem suas conclusões abaixo.
- a)** Em sua opinião, qual dos três elementos citados é o mais importante para o teatro? Por quê?
- b)** Se os elementos essenciais ao teatro são os atores, a plateia e o texto, qual seria o papel do autor (dramaturgo)?

[illegible]

- 2.** O ator Antonio Fagundes levou aos palcos uma bem-humorada batalha entre ator e plateia na peça *Sete minutos*, encenada em 2002. Leia trechos de resenhas sobre a obra publicadas na época e responda às questões.

a) “A vida é uma história, contada por um idiota, cheia de som e fúria e significando nada...” As célebres palavras de Shakespeare em *Macbeth* são declamadas com paixão pelo ator, que está completamente hipnotizado pelo texto. Nem mesmo as incômodas tossidas que pipocam na plateia ou o burburinho dos atrasados que ainda procuram seu lugar conseguem quebrar o encanto. De repente, um celular toca. O limite da paciência foi excedido: inconformado com a impertinente invasão sonora, o ator simplesmente interrompe a apresentação, abandona o palco e vai para o camarim, deixando boquiabertos público, a empresária e o restante do elenco.

BRASI, Ubiratan. *Estadão*, São Paulo, 15 jul. 2002.

Quais elementos da atividade teatral aparecem citados nesse fragmento?

b) O título, conta Bibi Ferreira, que dirige a história, remete ao tempo de duração de um bloco de telenovela. “Não se precisa prestar atenção em nada por mais de sete minutos”, diz ela, que acredita que o texto agrada porque é inteligente. “É direto. O público logo pensa: ‘Th, é comigo!’”, afirma Bibi, que trabalha pela primeira vez com Antonio Fagundes.

Revista *Veja Rio*, n. 26.

No fragmento acima, há um importante elemento para a atividade teatral contemporânea, mas que não foi citado na tríade *atores*, *plateia* e *texto*. Que elemento é esse?

- c) Dirigido por Bibi Ferreira, Fagundes também interpreta o personagem principal, um ator veterano e bem ranzinza que, em uma montagem do clássico *Macbeth*, de Shakespeare, interrompe e abandona a sessão por não suportar mais os celulares e bipes tocando, as tossidas da plateia e um senhor, na primeira fileira, sem sapatos e com os pés sobre o palco.

MONZILLO, Marina, jul. 2002.

Disponível em: <www.bibi-piaf.com/sete_minutos.htm>.

Nesse trecho há dois argumentos que parecem justificar o comportamento do ator ao abandonar o espetáculo. Quais são eles?

3. Estamos conhecendo os componentes da atividade teatral: ator, plateia, texto, diretor. Veja como a diretora Bibi Ferreira aborda o assunto:



Para mim, o teatro é o autor. O espetáculo, o ator. Desta feita temos os dois numa só pessoa, Antonio Fagundes, que a cada dia se supera caminhando por diversos campos artísticos onde é pessoa absoluta. Aos senhores que vão assistir agora à peça *Sete minutos* eu pergunto: já frequentaram alguma vez um ensaio de teatro? Pois essa é uma das minhas funções: assistir a todos os ensaios.

Bibi Ferreira.

a) Converse com um colega e, juntos, expliquem o que vocês entenderam do trecho: “Para mim, o teatro é o autor. O espetáculo, o ator”.

b) A quem Bibi Ferreira se refere com “Aos senhores”?

c) Em sua opinião, qual deve ser a participação do diretor nos ensaios de uma peça?

4. Quem é Bibi Ferreira? Imagine uma atriz que “subiu” ao palco com apenas 20 dias e que se tornou o maior nome do teatro brasileiro. Leia a seguir um trecho da biografia de Bibi Ferreira e depois faça uma pesquisa e descubra mais informações sobre a trajetória da atriz, compositora e diretora teatral que tem, em São Paulo, o próprio teatro.

ARQUIVO/AE



OSWALDO MARCATO/AE



ANTÔNIO MILENA/AE



Abigail Izquierdo Ferreira nasce no Rio de Janeiro em 1º de junho de 1922. Filha do ator Procópio Ferreira e da bailarina espanhola Aída Izquierdo, desde cedo dá bandeira de que nasce com o gene do teatro. Estreia no palco com apenas 20 dias na peça *Manhã de sol*, no colo de sua madrinha Abigail Maia, esposa do autor e padrinho Oduvaldo Viana. Com a separação dos pais, segue com a mãe, que vai trabalhar numa companhia espanhola de teatro de revista, a Companhia Velasco. Lá, aprende seu primeiro idioma, o espanhol, faz participações cantando zarzuelas e torna-se conhecida como “la niña de Velasco”.

JUNQUEIRA, Christine, 2006.

- 5.** Reúna-se com um colega e juntos escrevam uma definição para cada um dos elementos do teatro abaixo. Depois, apresentem suas conclusões à turma.

Ator

Autor de teatro (dramaturgo)

Diretor

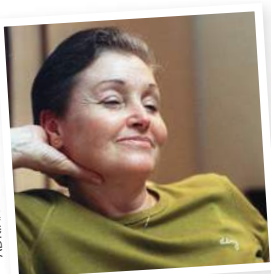
Plateia

ATIVIDADE 2**Conhecendo um dramaturgo mais de perto...**

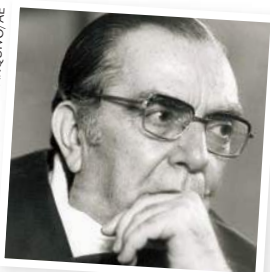
Dramaturgo ou teatrólogo é o nome que se dá ao escritor de peças teatrais. No Brasil do século XX surgiram muitos novos dramaturgos. Infelizmente, porém, muitos deles e suas obras ainda não são conhecidos por grande parte do público brasileiro.

- 1.** Assinale na lista a seguir os dramaturgos que você conhece ou dos quais já ouviu falar e converse com o professor sobre eles.

ADRIANA ZEHBRAUSKAS/FOLHAPRESS

☐ Maria Adelaide Amaral

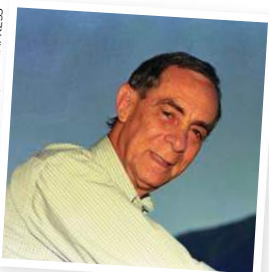
ARQUIVO/AE

☐ Nelson Rodrigues

BEL PEDROSA/FOLHAPRESS

☐ Gianfrancesco Guarnieri

MARCOS CRUZ/FOLHAPRESS

☐ Dias Gomes

RENATA FREITAS/FOLHAPRESS

☐ Millôr Fernandes

HENRIQUE MANREZA/FOLHAPRESS

☐ Lauro César Muniz

MASTRANCELO REINO/FOLHAPRESS

☐ Juca de Oliveira

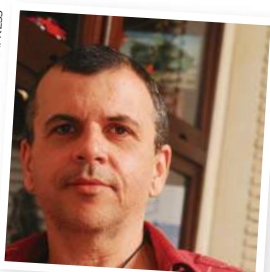
ADRIANA ELIAS/FOLHAPRESS

☐ Leilah Assumpção

RAFAEL ANDRADE/FOLHAPRESS

☐ Edla van Steen

KARIME XAVIER/FOLHAPRESS

☐ Fernando Bonassi

IARLI GOULART/AE

☐ Maria Clara Machado

FERNANDO R. CAVALCANTI/FOLHAPRESS

☐ Jandira Martini

2. Para ampliar um pouco o conhecimento sobre o teatro brasileiro, reúna-se com dois ou três colegas de classe e escolham um dos dramaturgos que vocês pouco conhecem.

- a)** Em seguida, façam uma pesquisa em enciclopédias, livros e *sites* especializados em teatro brasileiro. Procurem encontrar livros dos dramaturgos em uma biblioteca ou na sala de leitura da escola.
- b)** Preparem uma pequena exposição oral com cartazes e trechos das peças teatrais escritas por eles.
- c)** Dramatizem esses trechos das peças durante a apresentação.

A palavra “dramaturgo” vem do grego *dramatourgós* e tem relação com a palavra “drama” (do grego *drâma*). Em grego, a palavra significa “ação”. Por isso, o texto teatral pode ser compreendido como um texto escrito para representar um conjunto de ações. Se quiser conhecer mais sobre os dramaturgos brasileiros e de outras nacionalidades, consulte o *site* <www.dramaturgia.art.br>.

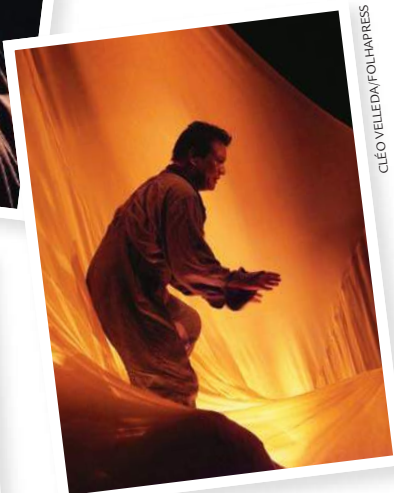


3. Após a pesquisa e a discussão em sala de aula, responda: em que consiste o trabalho do dramaturgo?



4. O que você sabe sobre texto teatral? Que características do texto teatral você encontrou nas pesquisas realizadas na sala de leitura e na internet? Converse com seus colegas e com o professor sobre os vários aspectos que o dramaturgo deve levar em consideração. Alguns estão listados abaixo:

- Cenário
- Gestos dos atores
- Iluminação
- Movimento cênico dos atores
- Música
- Voz das personagens
- Figurino



ATIVIDADE 3 *Conhecendo o texto teatral mais de perto...*

Já ouviu falar do dramaturgo e escritor Ariano Suassuna? Vamos ler um fragmento de uma de suas peças teatrais mais conhecidas, *Auto da Compadecida*. Antes, porém, vamos conhecer um pouco da vida de Suassuna por meio de uma breve biografia do autor, ao lado.

Ariano Suassuna nasceu no sertão da Paraíba na década de 1930. É um grande romancista e dramaturgo que, com suas histórias, tornou-se o porta-voz do Nordeste brasileiro. Escreveu, entre outras obras: *Uma mulher vestida de sol*, *Auto da Compadecida*, *O romance d'A pedra do reino*.

1. Explorando o título da peça teatral

a) No texto biográfico que você leu, há menção a uma peça clássica do teatro brasileiro, escrita por Ariano Suassuna em 1955 e publicada em 1957. A peça tem como título *Auto da Compadecida*. Faça uma pesquisa em dicionários, livros ou *sites* e descubra o significado da palavra “auto” no título da peça.

b) A palavra “compadecida” vem do verbo “compadecer”, que significa ter compaixão. Levando em conta essa informação, qual seria o significado de “compadecida”?

2. Nos autos, que tiveram origem na Idade Média, percebemos a predominância de temas religiosos. Por exemplo, no *Auto da Barca do Inferno*, do dramaturgo Gil Vicente, escrito em 1517, todas as personagens estão mortas e chegam a um porto onde encontram duas embarcações. Cada embarcação é representada por uma personagem: o **Anjo** e o **Diabo**.

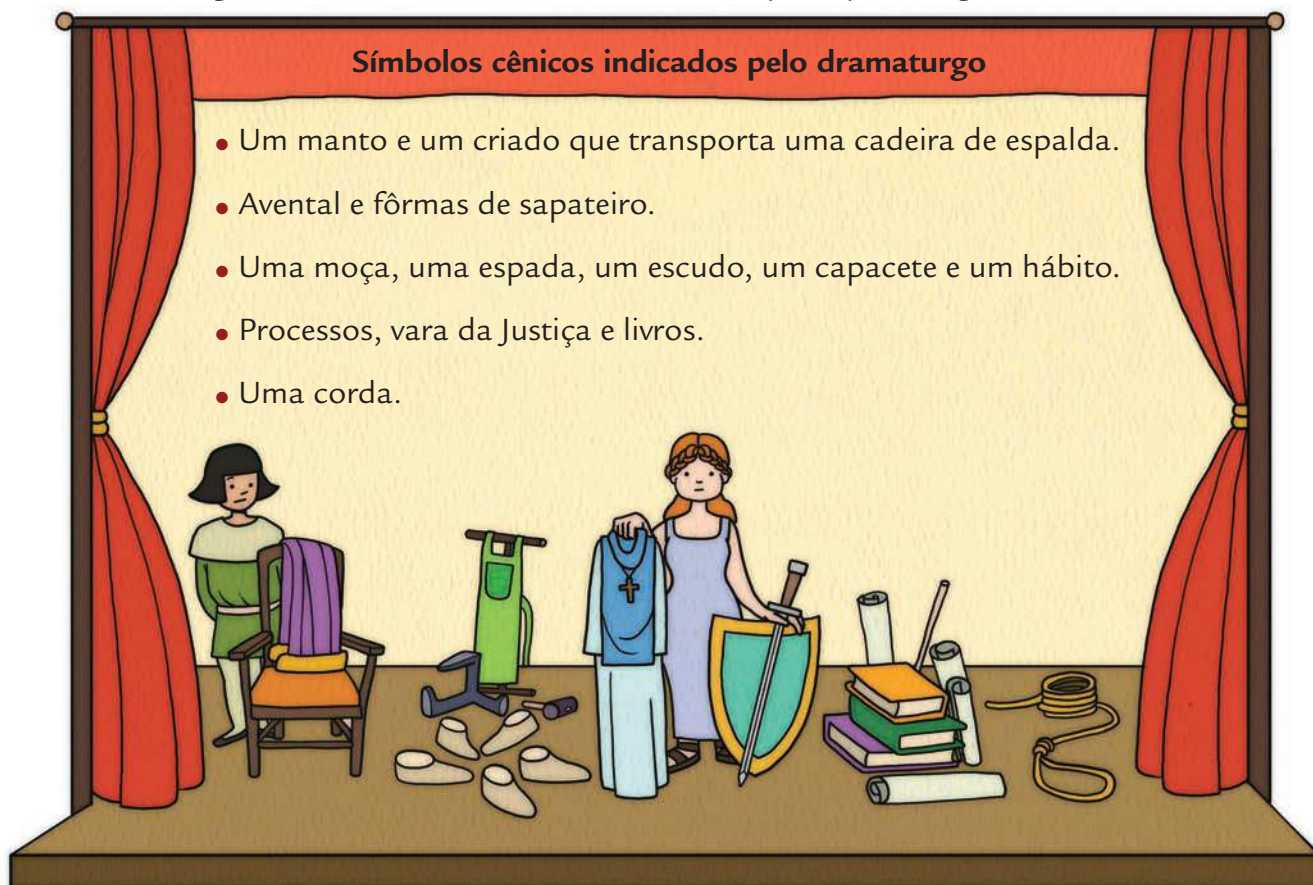


Gil Vicente (1465-1537) nasceu em Portugal e produziu mais de 40 peças de teatro. O *Auto da Barca do Inferno* foi representado pela primeira vez em 1517 e satirizava os comportamentos sociais da época. Suas peças, representadas para a Corte portuguesa, exerceram influência em outros dramaturgos, como Ariano Suassuna e João Cabral de Melo Neto. Procure na sala de leitura de sua escola ou na internet os autos mais famosos do dramaturgo: *Auto da Alma*, *Auto da Barca do Inferno*, *Auto da Barca da Glória* e *Auto da Barca do Purgatório*.

a) O que você acha que cada uma das personagens representa?

b) Para onde você acredita que partirá cada uma das embarcações, levando as personagens mortas?

- 3.** O Anjo e o Diabo recepcionam as personagens, que devem ser julgadas após a morte, avaliando suas ações na vida terrena. Cada personagem escolhida pelo dramaturgo representa uma classe social, uma crença ou determinada profissão. Em cena, essas personagens precisam trazer **símbolos cênicos** para que o público as reconheça. Complete o quadro a seguir com os símbolos cênicos utilizados pelas personagens.



Personagens do <i>Auto da Barca do Inferno</i>	Símbolo cênico indicado pelo dramaturgo
Procurador	
Fidalgo	
Frade	
Sapateiro	
Enforcado	

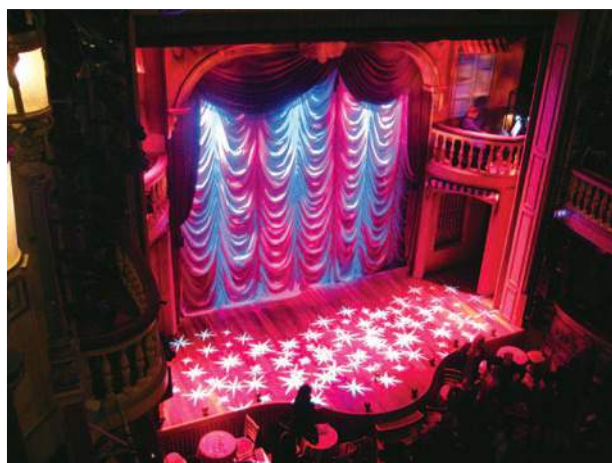
4. Leia a seguir o texto de abertura da peça de teatro *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. A peça reúne três narrativas nordestinas recolhidas de folhetos de cordel: *O enterro do cachorro*, *O cavalo que defecava dinheiro* e *O castigo da soberba*. A peça não se encontra dividida em atos, dando liberdade ao diretor para definir a organização final.

Uma peça de teatro divide-se em **atos** e **cenas**. Os atos são compostos por uma série de cenas interligadas por um tema. As cenas são divididas de acordo com a movimentação das personagens, quando um ator entra ou sai do palco. Essa subdivisão organiza o texto dramático em partes. Ao assistirmos a peças teatrais, percebemos a mudança de atos e cenas pela queda do pano das cortinas, pelo escurecimento da cena, pela mudança de cenário ou pelos efeitos de sonoplastia. Com seu professor, assista ao vídeo que mostra cenas desse movimento teatral.

Neste texto, Ariano Suassuna dá indicações sobre como deve ser a encenação nos quatro atos. Observe que informações ele propõe para o cenário e para a organização em um palco italiano, ou seja, aquele em que o público assiste à dramatização só pela frente.

- Se você fosse diretor de teatro, como organizaria esse cenário?
- Que soluções o dramaturgo propõe para mudança de cenário na peça?
- Procure fazer, em dupla, uma ilustração ou uma maquete para demonstrar as ideias do autor e sua interpretação do texto teatral.

WIKIPÉDIA.ORG



Palco em formato italiano.



RENATA MELO/PULSAR IMAGENS

Outro exemplo de palco italiano: Teatro Municipal do Rio de Janeiro (RJ).

Auto da Compadecida foi escrito com base em romances e histórias populares no Nordeste. Sua encenação deve, portanto, seguir a maior linha de simplicidade, dentro do espírito em que foi concebido e realizado. O cenário (usado na encenação como um picadeiro de circo, numa ideia excelente de Clênio Wanderley, que a peça sugeria) pode apresentar uma entrada de igreja à direita, com uma pequena **balaustrada** ao fundo, uma vez que o centro do palco representa um desses pátios comuns nas igrejas das vilas do interior. A saída pra cidade é à esquerda e pode ser feita através de um arco. Nesse caso, seria conveniente que a igreja, na cena do julgamento, passasse a ser a entrada do céu e do purgatório. O trono de Manuel, ou seja, Nosso Senhor Jesus

Balaustrada:
qualquer
parapeito,
corrimão ou
grade de apoio
ou proteção.



Cena da peça *Auto da Compadecida*, da obra de Ariano Suassuna, encenada pelo Grupo Teatro dos Presos, no Teatro Tuca, em São Paulo (SP).

Cristo, poderia ser colocado na balaustrada, erguida sobre um **praticável** servido por escadarias. Mas tudo isso fica a critério do encenador e do cenógrafo, que podem montar a peça com dois cenários, sendo um para o começo e outro para a cena do julgamento, ou somente com cortinas, caso em que se imaginará a igreja fora

Praticável:

elemento cenográfico tridimensional (estrado, armação etc.) que permite o movimento dos atores sobre ele, criando diferentes planos no espaço cênico.

do palco, à direita, e a saída para a cidade à esquerda, organizando-se a cena para o julgamento através de simples cadeiras de **espaldar** alto, com saída para o inferno à esquerda e saída para o purgatório e para o céu à direita. Em todo caso, o autor gostaria de deixar claro que seu teatro é mais aproximado dos espetáculos de circo e da tradição popular do que do teatro moderno.

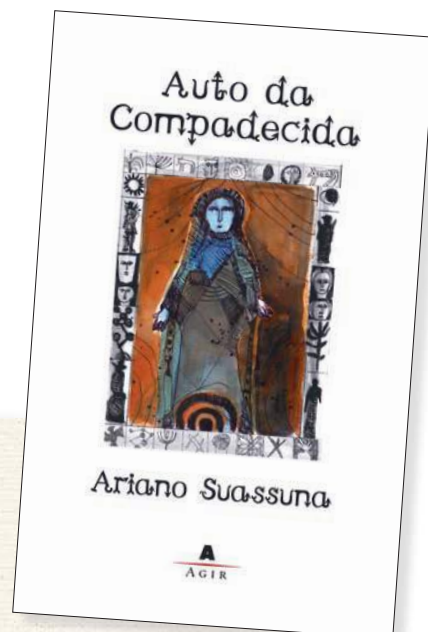
Espaldar: parte da cadeira ou similar em que se apoiam as costas de quem se senta.

SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida* (trechos). Rio de Janeiro: Agir, p. 15.
© by Ariano Suassuna

5. Releia o texto de abertura da peça e assinale as alternativas corretas:

- ☐ a) O texto está escrito em primeira pessoa, e o autor se apresenta como dramaturgo.
- ☐ b) O autor se dirige ao público que vai assistir à peça.
- ☐ c) Há indicações de cenário, porém o autor deixa o encenador à vontade para seguir ou não suas sugestões.
- ☐ d) A expressão “deixar claro” sugere que o autor não gostaria de mudanças significativas na peça que pudessem afastá-la da ideia de circo.
- ☐ e) O autor apresenta o enredo da peça, antecipando para o espectador o que acontecerá na trama.

6. A seguir você vai ler um trecho da peça teatral *Auto da Compadecida*, encenada pela primeira vez em 1957 no Recife. Nesse fragmento, João Grilo e seu fiel amigo Chicó tentam convencer o padre da cidade a benzer um cachorro.



[...]

PALHAÇO

O distinto público imagine à sua direita uma igreja, da qual o centro do palco será o pátio. A saída para a rua é à sua esquerda. O resto é com os atores.

*Aqui pode-se tocar uma música alegre e o Palhaço sai dançando.
Uma pequena pausa e entram Chicó e João Grilo.*

JOÃO GRILO

E ele vem mesmo? Estou desconfiado, Chicó. Você é tão sem confiança!

CHICÓ

Eu, sem confiança? Que é isso, João, está me desconhecendo? Juro como ele vem. Quer benzer o cachorro da mulher para ver se o bicho não morre. A dificuldade não é ele vir, é o padre benzer. O bispo está aí e tenho certeza de que o Padre João não vai querer benzer o cachorro.

JOÃO GRILO

Não vai benzer? Por quê? Que é que um cachorro tem de mais?

CHICÓ

Bom, eu digo assim porque sei como esse povo é cheio de coisas, mas não é nada de mais. Eu mesmo já tive um cavalo bento.

JOÃO GRILO

Que é isso, Chicó? *[Passa o dedo na garganta.]* Já estou ficando por aqui com suas histórias. É sempre uma coisa toda esquisita. Quando se pede uma explicação, vem sempre com “não sei, só sei que foi assim”.

CHICÓ

Mas se eu tive mesmo o cavalo, meu filho, o que é que eu vou fazer? Vou mentir, dizer que não tive?

JOÃO GRILO

Você vem com uma história dessas e depois se queixa porque o povo diz que você é sem confiança.

CHICÓ

Eu, sem confiança? Antônio Martinho está para dar as provas do que eu digo.

JOÃO GRILO

Antônio Martinho? Faz três anos que ele morreu.

CHICÓ

Mas era vivo quando eu tive o bicho.

JOÃO GRILO

Quando você teve o bicho? E foi você quem pariu o cavalo, Chicó?

CHICÓ

Eu não. Mas do jeito que as coisas vão, não me admiro mais de nada. No mês passado uma mulher teve um, na serra do Araripe, para os lados do Ceará.

JOÃO GRILO

Isso é coisa de seca. Acaba nisso, essa fome: ninguém pode ter menino e haja cavalo no mundo. A comida é mais barata e é coisa que se pode vender. Mas seu cavalo, como foi?

CHICÓ

Foi uma velha que me vendeu barato, porque ia se mudar, mas recomendou todo cuidado, porque o cavalo era bento. E só podia ser mesmo, porque cavalo

Garrota:

bezerra, novilha.

Rês: quadrúpede que serve de alimento ao homem.

Tanger: tocar animais para que andem.

bom como aquele eu nunca tinha visto. Uma vez corremos atrás de uma **garrota**, das seis da manhã até as seis da tarde, sem parar nem um momento, eu a cavalo, ele a pé. Fui derrubar a novilha já de noitinha, mas quando acabei o serviço e **enchocalhei** a **rês**, olhei ao redor, e não conhecia o lugar onde estávamos. Tomei uma **vereda** que havia assim e aí **tangendo** o boi...

Enchocalhar: pôr chocalho em gado.

Vereda: matas cercadas de campo.

JOÃO GRILO

O boi? Não era uma garrota?

CHICÓ

Uma garrota e um boi.

JOÃO GRILO

E você corria atrás dos dois de uma vez?

CHICÓ

irritado

Corria, é proibido?

JOÃO GRILO

Não, mas eu me admiro é eles correrem tanto tempo juntos, sem se apartarem. Como foi isso?

CHICÓ

Não sei, só sei que foi assim. Saí tangendo os bois e de repente avistei uma cidade. Você sabe que eu comecei a correr da ribeira do Taperoá, na Paraíba. Pois bem, na entrada da rua perguntei a um homem onde estava e ele me disse que era Propriá, de Sergipe.

JOÃO GRILO

Sergipe, Chicó?

CHICÓ

Sergipe, João. Eu tinha corrido até lá no meu cavalo. Só sendo bento mesmo.

JOÃO GRILO

Mas, Chicó, e o rio São Francisco?

CHICÓ

Só podia estar seco nesse tempo, porque não me lembro quando passei... E nesse tempo todo o cavalo ali comigo, sem reclamar nada!

JOÃO GRILO

Eu me admirava era se ele reclamasse.

CHICÓ

É por causa dessas e de outras que eu não me admiro mais de nada, João. Cachorro bento, cavalo bento, tudo isso eu já vi.

JOÃO GRILO

Quer dizer que você acha que o homem vem?

CHICÓ

Só pode vir. É o único jeito que ele tem a dar. A mulher disse que vai largá-lo, se o cachorro morrer. O doutor diz que não sabe o que é que o bicho tem,

o jeito agora é apelar para o padre. Hora de se chamar padre é a hora da morte, de modo que ele tem de vir. Padre João! Padre João!

PADRE

aparecendo na igreja

Que há? Que gritaria é essa?

*Fala afetadamente com aquela pronúncia e aquele estilo que **Leon Bloy** chamava “sacerdotais”.*

Leon Bloy (1846-1917): escritor e pintor francês; convertido ao catolicismo, escreveu diversos textos sobre religião.

CHICÓ

Mandaram avisar para o senhor não sair, porque vem uma pessoa aqui trazer um cachorro que está se ultimando para o senhor benzer.

PADRE

Para eu benzer?

CHICÓ

Sim.

PADRE

com desprezo

Um cachorro?

CHICÓ

Sim.

PADRE

Que maluquice! Que besteira!

JOÃO GRILO

Cansei de dizer a ele que o senhor não benzia. Benze porque benze, vim com ele.

PADRE

Não benzo de jeito nenhum.

CHICÓ

Mas, padre, não vejo nada de mal em se benzer o bicho.

JOÃO GRILO

No dia em que chegou o motor novo do major Antônio Moraes o senhor não o benzeu?

PADRE

Motor é diferente, é uma coisa que todo mundo benze. Cachorro é que eu nunca ouvi falar.

CHICÓ

Eu acho cachorro uma coisa muito melhor do que motor.

PADRE

É, mas quem vai ficar engraçado sou eu, benzendo o cachorro. Benzer motor é fácil, todo mundo faz isso; mas benzer cachorro?

JOÃO GRILO

É, Chicó, o padre tem razão. Quem vai ficar engraçado é ele e uma coisa é o motor do major Antônio Moraes e outra benzer o cachorro do major Antônio Moraes.

PADRE

mão em concha no ouvido

Como?

JOÃO GRILO

Eu disse que uma coisa era o motor e outra o cachorro do major Antônio Moraes.

PADRE

E o dono do cachorro de quem vocês estão falando é Antônio Moraes?

JOÃO GRILO

É. Eu não queria vir, com medo de que o senhor se zangasse, mas o major é rico e poderoso e eu trabalho na mina dele. Com medo de perder meu emprego, fui forçado a obedecer, mas disse a Chicó: o padre vai se zangar.

PADRE

desfazendo-se em sorrisos

Zangar nada, João! Quem é um **ministro de Deus** para ter direito de se zangar? Falei por falar, mas também vocês não tinham dito de quem era o cachorro!

Ministro de Deus:

aquele que, na religião, exerce uma função, um ofício; o mesmo que padre.

JOÃO GRILO

cortante

Quer dizer que benze, não é?

PADRE

a Chicó

Você o que é que acha?

CHICÓ

Eu não acho nada de mais!

PADRE

Nem eu. Não vejo mal nenhum em abençoar as criaturas de Deus!

JOÃO GRILO

Então fica tudo na paz do Senhor, com cachorro benzido e todo mundo satisfeito.

PADRE

Digam ao major que venha. Eu estou esperando.

Entra na igreja.

CHICÓ

Que invenção foi essa de dizer que o cachorro era do major Antônio Moraes?

JOÃO GRILO

Era o único jeito de o padre prometer que benzia. Tem medo da riqueza do major que se pela. Não viu a diferença? Antes era “Que maluquice, que besteira!”, agora “Não vejo mal nenhum em se abençoar as criaturas de Deus!”.

SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida* (trechos). Rio de Janeiro: Agir, p. 17-24.
© by Ariano Suassuna

7. Analisando o fragmento do texto teatral

- a)** O Palhaço só aparece uma vez na cena. Como você entendeu essa participação? Ela tem alguma relação com o comentário do dramaturgo sobre o “cenário como um picadeiro de circo”?

b) Na abertura, o autor conta que *Auto da Compadecida* se baseia em histórias populares do Nordeste. No texto há alguma indicação geográfica dessa região? Qual?

c) Em sua opinião, a quem os protagonistas estão se referindo com “ele” nas primeiras falas (João Grilo: “E **ele** vem mesmo?”; Chicó: “Juro como **ele** vem”)?

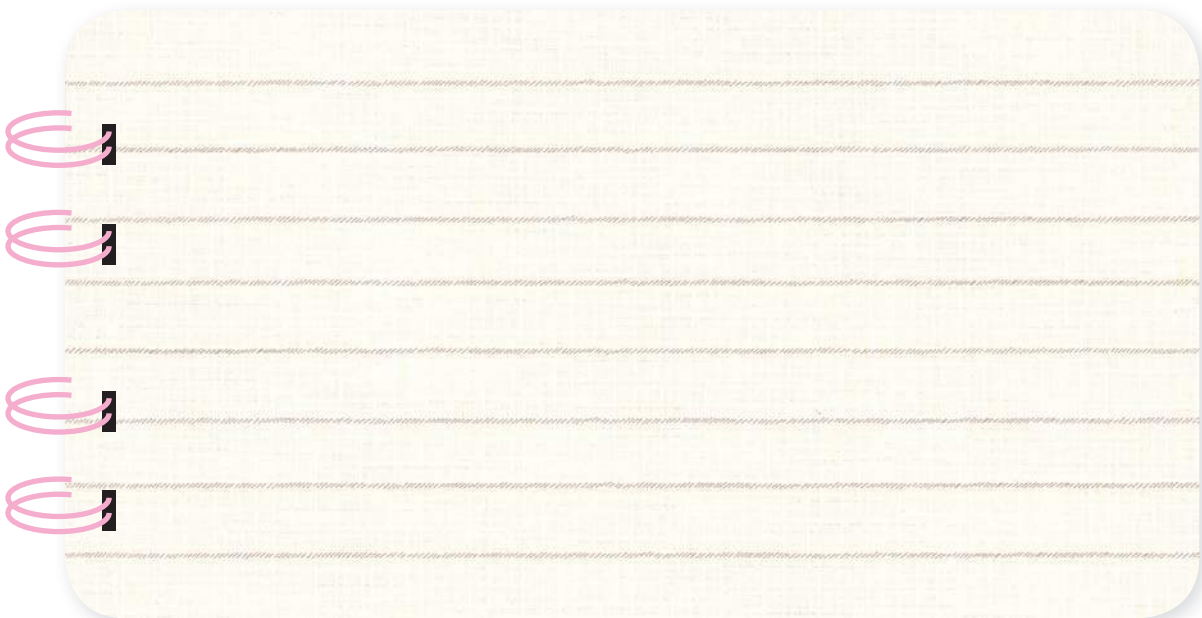
d) Como João Grilo consegue convencer o padre a benzer o cachorro?

e) No decorrer da conversa, o padre muda de opinião e diz não ver problema algum em benzer o cachorro. Como você justifica o comportamento do padre? Você acha que ele agiu corretamente?

f) Qual dos dois amigos, pela cena lida, parece mais esperto? Justifique sua resposta.

8. Explorando o texto teatral

a) Você notou que há diferenças entre o texto teatral e outros gêneros literários (conto, poema, romance, crônica) que você costuma ler? Que diferenças são essas?



b) Você observou que em algumas partes do texto, antes da fala das personagens, aparecem trechos destacados em itálico? Esses trechos são chamados **rubricas**.

Volte ao texto e destaque as rubricas, grifando-as.

- c) Reúna-se com alguns colegas e respondam: qual a função das rubricas no texto teatral?



- d) As rubricas podem ser escritas pelo dramaturgo para vários agentes envolvidos na encenação de uma peça teatral: atores, diretores, sonoplasta, cenógrafo etc. Indique a quem se dirigem as rubricas indicadas no texto por Ariano Suassuna:

Rubricas

A quem se dirigem?



Aqui pode-se tocar
uma música alegre.

Mão em concha
no ouvido.

Fala afetadamente com
aquela pronúncia e aquele
estilo que Leon Bloy
chamava "sacerdotais".

Entra na igreja.



e) O público não tem acesso às rubricas, por isso a interpretação das personagens, a atuação do diretor, do sonoplasta e do cenógrafo são essenciais para que a peça teatral tenha vida. Assista ao vídeo com seus colegas e seu professor e discutam como os atores e diretores interpretaram as rubricas indicadas por Ariano Suassuna.

O que essas rubricas nos revelam sobre as personagens?

9. Explorando palavras e expressões do texto teatral

Explique as palavras e expressões destacadas nos trechos a seguir:

a) “JOÃO GRILO: E ele vem mesmo? Estou desconfiado, Chicó. Você é **tão sem confiança!**”

b) “CHICÓ: Bom, eu digo assim porque sei como esse povo é **cheio de coisas**, mas não é nada de mais. Eu mesmo já tive um **cavalo bento**.”

- c) “CHICÓ: Mandaram avisar para o senhor não sair, porque vem uma pessoa aqui trazer um cachorro que **está se ultimando** para o senhor benzer.”

10. Leia em voz alta os textos que se seguem observando a mudança de tom de sua leitura nos trechos em destaque. Depois, identifique, em cada exemplo, de quem é a fala destacada.

- a) “JOÃO GRILO: Que é isso, Chicó? [*Passa o dedo na garganta.*] Já estou ficando por aqui com suas histórias. É sempre uma coisa toda esquisita. Quando se pede uma explicação, vem sempre com ‘**não sei, só sei que foi assim**’.”

- b) “JOÃO GRILO: Cansei de dizer a ele que o senhor não benzia. **Benze porque benze**, vim com ele.”

- c) “CHICÓ: **Mandaram** avisar para o senhor não sair, porque vem uma pessoa aqui trazer um cachorro que está se ultimando para o senhor benzer.”

ATIVIDADE 4 Uma história de amor contada há séculos

1. Observe as imagens a seguir. Que personagens são essas? Qual é o enredo dessa história?

IMAGEM 1



IMAGEM 2



IMAGEM 3



IMAGEM 4



E então? Reconheceu o casal apaixonado? Confira as informações sobre as imagens no rodapé desta página.

- Respostas/Lendas
- 1) Pintura a óleo de 1870, por Ford Madox Brown, retratando a famosa cena do balcão de *Romeu e Julieta*.
 - 2) Leonard Whiting e Olivia Hussey em cena do filme *Romeu e Julieta* (*Romeo and Juliet*), de 1968, com direção de Franco Zeffirelli.
 - 3) Ballet de Moscou, uma das mais importantes e celebradas companhias clássicas da Rússia na atualidade.
 - 4) Filme com Leonardo DiCaprio e Claire Danes (1996), dirigido por Baz Luhrmann. A história é ambientada na Califórnia, Estados Unidos.

2. Com certeza, você já ouviu falar do amor de Romeu e Julieta, um dos pares românticos mais famosos da dramaturgia ocidental. Essa história também está presente em outras manifestações culturais. É até nome de uma sobremesa bem brasileira! Você conhece os exemplos a seguir? O que eles têm em comum?



- a) *O casamento de Romeu e Julieta*, filme de Bruno Barreto, com Luana Piovani e Marco Ricca (2005). A desavença entre as famílias fica por conta do fanatismo de cada uma por um time de futebol.



- b) *Amor de perdição*, livro do escritor português Camilo Castelo Branco (1861).



- c) A sobremesa que combina goiabada com queijo.

Você conhece outras referências? Quais? Conte para os colegas.



Romeu e Julieta, filme com Claire Danes e Leonardo di Caprio, 1996.

3. A peça *Romeu e Julieta*, escrita por William Shakespeare em 1594, é uma das mais populares do dramaturgo e já foi encenada inúmeras vezes em todas as partes do mundo.

a) Faça uma pesquisa na sala de leitura de sua escola e traga para a aula livros sobre William Shakespeare ou versões de suas obras.

b) Selecione, da biografia do autor, as informações que julgar mais interessantes para apresentar a seus colegas.

4. Com alguns colegas, observem a identificação das obras escolhidas pelo grupo.

a) Identifiquem a versão que cada um escolheu: obra adaptada, texto integral ou inspirada em _____ (título da obra).

b) Qual é a diferença entre esses tipos de versões?

ATIVIDADE 5

Romeu e Julieta: a obra-prima de William Shakespeare

Antes de Shakespeare, nenhum outro dramaturgo ou poeta havia mostrado a natureza humana em toda a sua complexidade: a paixão de Romeu e Julieta, sua obra mais conhecida, o ciúme cego de Otelo, a ambição de Macbeth. Shakespeare também deve ser um dos escritores mais citados no mundo. Mesmo quem nunca leu *Hamlet* certamente conhece a famosa frase: “Ser ou não ser, eis a questão.”

Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br>>

WIKIPEDIA.ORG

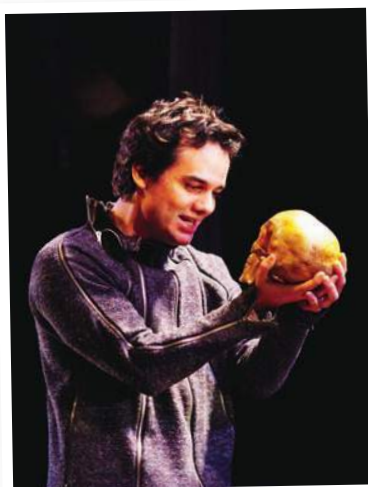


William Shakespeare

(23/4/1564-23/4/1616), poeta e dramaturgo inglês, é um dos maiores nomes da

história do teatro. Escreveu cerca de 40 peças, entre tragédias (*Otelo*, *Romeu e Julieta*, *Rei Lear*), dramas históricos (*Henrique V*, *Ricardo III*), comédias (*Muito barulho por nada*, *Sonhos de uma noite de verão*) e sonetos. Sua obra influenciou toda a produção teatral e literária posterior a ele. Os críticos costumam dividir sua obra em três grandes fases: período de formação (até 1595), maturidade (entre 1600 e 1608) e os últimos anos de vida do autor (até 1613).

LENISE PINHEIRO/FOLHAPRESS



Ator brasileiro Wagner Moura interpreta *Hamlet*.

CRISTINA CASTELLO BRANCO/FOLHAPRESS



Solista em ensaio de *Macbeth*, no Teatro Municipal de São Paulo (SP).

ACERVO CEDOC-FUNARTE/ WIKIMÉDIA.ORG



Paulo Porto e Sônia Oiticica como Romeu e Julieta na produção mais prestigiada da peça no Brasil, em 1938. Teatro São Caetano, Rio de Janeiro.

A peça *Romeu e Julieta* foi originariamente escrita em versos. As muitas traduções e adaptações da obra visaram, ao longo do tempo, aproximar os leitores do texto. Você lerá a seguir alguns trechos da obra escrita por William Shakespeare em 1594, traduzida e adaptada por Marilise Rezende.

1. Vamos começar pelo prólogo? Primeiro, leia com atenção estas duas traduções do texto de abertura, colocadas lado a lado.

Romeu e Julieta

PRÓLOGOS

Texto 1

[*Entra o CORO.*]

CORO – Na bela Verona, onde se passa essa peça, um antigo rancor entre duas famílias respeitáveis, os Capuletos e os Montéquios, explode com toda violência novamente. Essa rixa mancha as mãos das duas famílias com o sangue de seus concidadãos. Aqui o destino entra em cena. Os filhos infelizes dessas duas famílias inimigas se apaixonam, se casam e se matam por causa da rivalidade entre as famílias. A morte desafortunada desse casal de enamorados, como cometas que se cruzam uma única vez e depois se separam, enterra o ódio de suas famílias para sempre.

Nas próximas duas horas traremos a vocês a história do amor malsinado desse casal e da cólera de seus pais, que só poderia ter fim com a morte de seus filhos. Se vocês nos acompanharem pacientemente, tentaremos trazer aqui tudo o que nos possa ter escapado neste prólogo.

[*O CORO sai.*]

SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. Adaptação e tradução de Marilise Rezende Bertin e John Milton. Edição adaptada bilingue. São Paulo: Disal, 2006, p. 26.

O termo “prólogo”, do grego *prólogos*, corresponde à primeira parte, dialogada, da tragédia, no antigo teatro grego. Atualmente, o termo refere-se à cena introdutória da peça teatral em que se apresentam dados importantes sobre o enredo.

Texto 2

[*Entra o CORO.*]

Duas casas, iguais em seu valor,
Em Verona, que a nossa casa ostenta,
Brigam de novo, com velho rancor,
Pondo guerra civil em mão sangrenta.
Dos fatais ventres desses inimigos
Nasce, com má estrela, um par de amantes,
Cuja derrota em trágicos perigos
Com sua morte enterra a luta de antes.
A triste história desse amor marcado
E de seus pais o ódio permanente,
Só com a morte dos filhos terminado,
Duas horas em cena está presente.
Se tiverem paciência para ouvir-nos,
Havemos de lutar para corrigir-nos.

[*Sai.*]

SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. Tradução de Bárbara Heliodora. Edição bilingue. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

Agora, responda oralmente:

- a)** Quais são as diferenças entre os textos?
 - b)** Considerando que a peça foi escrita em versos, qual tradução é mais fiel ao original?
 - c)** O prólogo é eficiente no convite que faz ao espectador ou ao leitor?
- 2.** Volte à página 217 e releia o texto de apresentação de *Auto da Compadecida*. Compare os prólogos com o texto de Suassuna. Qual é a principal diferença entre eles?

- 3.** Observe como, no prólogo, o autor narra todo o enredo da peça e convida o espectador para acompanhar a história nas duas horas de encenação.
- a)** Retire dos textos 1 e 2 as palavras e expressões utilizadas para caracterizar os filhos das duas famílias e o amor que nasce entre eles. Você percebe alguma diferença? Qual?

Segundo o dicionário *Aurélio*, a palavra “coro”, do grego *chórus*, significa no teatro clássico um conjunto harmônico dos atores que, como representantes do povo com as personagens principais, declamando e cantando, narram a ação, a comentam e frequentemente nela intervêm com ponderações e conselhos. Nas tragédias, o coro representa uma personagem coletiva cuja função é cantar partes significativas do drama.

b) Quais palavras e expressões são usadas com o sentido de “má sorte” do casal?

- 4.** A peça *Romeu e Julieta* narra uma tragédia: a história de amor entre dois jovens de famílias rivais, os Montéquios e os Capuletos. É uma peça em cinco atos, e o primeiro ato está dividido em cinco cenas. Vamos ler cenas desse ato?

Julieta e sua mãe conversam sobre casamento, na presença da ama. A mãe comenta ser de seu agrado que Julieta se case com Páris, um jovem nobre, parente do príncipe.

ATO I

CENA III

Uma sala na casa dos Capuletos

A *SENHORA CAPULETO* e a *AMA* entram.

SENHORA CAPULETO – Ama, onde está a minha filha? Chame-a para mim.

AMA – Eu juro que já disse a ela para vir. Carneirinho! Onde está essa menina? Joaninha! Julieta!

JULIETA entra.

JULIETA – Aqui estou. Quem me chama?

AMA – Sua mãe.

JULIETA – Senhora, aqui estou. O que deseja?

SENHORA CAPULETO – Esse é o problema. Ama, deixe-nos a sós um momento. Precisamos falar a sós. Ama, volte novamente. Você deve nos ouvir. Você sabe que minha filha tem idade suficiente. Quase tem catorze anos.

AMA – Vai fazer catorze dentro de duas semanas, na noite do dia trinta e um de julho. Ela nasceu no mesmo dia que minha filha Suzana – que Deus a tenha, pois Suzana morreu. Sim, ela vai fazer catorze. Lembro-me bem. Já se passaram onze anos desde o terremoto. Eu parei de amamentá-la exatamente naquele dia. Nunca esquecerei. Eu tinha posto **losna** amarga no meu seio e estava sentada ao sol. A senhora e seu marido estavam em Mântua. Quando sentiu o gosto amargo da losna, a garotinha ficou irritada. Mas também, nessa idade, ela já conseguia ficar em pé sozinha, andar e correr... Eu me lembro porque ela tinha ferido a testa um dia antes. Meu marido, que Deus o tenha, era um homem engraçado. Ele pegou a criança: “Oh”, ele disse, “Você caiu com a cara no chão? Você vai cair pra trás quando for mais esperta. Não vai, Ju?”. E, juro, a coitadinha parou de chorar e disse: “Sim”.

Losna: pequena erva aromática europeia.

SENHORA CAPULETO – Chega desse assunto. Fique quieta, por favor.

AMA – Sim, senhora. Eu me lembro...

JULIETA – Pare agora, ama, por favor.

AMA – Paz. Terminei. Você foi o bebê mais lindo que já amamentei. Espero vê-la casada.

SENHORA CAPULETO – É exatamente casamento que temos de discutir. Diga-me, Julieta, você pensa em se casar?

JULIETA – É uma honra com a qual nunca sonhei.

SENHORA CAPULETO – Bem, comece a pensar em casamento, então. Muitas senhoras em Verona, mais jovens do que você, já são mães. Eu já era mãe com a sua idade. Vou ser breve: o corajoso Páris a quer como esposa.

AMA – Que homem, jovem senhora! Não há melhor em Verona. Tão belo... é uma flor de rapaz.

SENHORA CAPULETO – O que você me diz? Poderá amar esse cavalheiro? Você o verá em nosso banquete hoje à noite. Observe Páris detalhadamente, e sinta prazer com a beleza dele. Se você fosse noiva dele, seria tão admirada quanto ele é. Tendo-o, não perderia nada.

AMA – Não perderia nada? Ficaria maior. Ele a engravidaria...

SENHORA CAPULETO – Dê uma resposta rápida. Vai gostar de Páris, querida?

JULIETA – Vou olhar para ele, e tentar gostar dele, se o que vir for agradável.

PEDRO entra.

PEDRO – Senhora, os convidados chegaram, o jantar está servido, as pessoas estão chamando a senhora e Julieta e estão xingando a ama na copa. Tudo está fora de controle. Devo ir servir os convidados. Por favor, acompanhem-me agora.

SENHORA CAPULETO – Nós o acompanharemos. Julieta, Páris está esperando você.

AMA – Vá, menina, busque noites felizes para dias felizes.

[Saem todos.]

SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. Adaptação e tradução de Marilise Rezende Bertin e John Milton. Edição adaptada bilíngue. São Paulo: Disal, 2006, p. 42-46.

a) Nesse trecho, quais são as características da personalidade de Julieta?

b) Qual é a relação da ama com a família?

c) No texto teatral, as falas e caracterizações das personagens expressam opiniões sobre os temas abordados na trama. Quais temas estão presentes nas falas da ama?

d) É possível indicar algum elemento na cena que aponta para um dos conflitos da peça teatral?

5. Explorando o texto teatral

a) Qual o papel das rubricas no fragmento lido?

b) Como não há rubricas sobre a voz das personagens, como você imagina o tom de voz e gestos na cena descrita? Comente essa questão para cada personagem:

• Senhora Capuleto: _____

• Ama: _____

• Julieta: _____

• Pedro: _____



- c)** Em dupla, discuta como seria o tom de voz, o ritmo e a introdução da voz do marido da ama na fala dela. Em seguida, faça uma leitura dramatizada do fragmento a seguir.

AMA – Vai fazer catorze dentro de duas semanas, na noite do dia trinta e um de julho. Ela nasceu no mesmo dia que minha filha Suzana – que Deus a tenha, pois Suzana morreu. Sim, ela vai fazer catorze. Lembro-me bem. Já se passaram onze anos desde o terremoto. Eu parei de amamentá-la exatamente naquele dia. Nunca esquecerei. Eu tinha posto losna amarga no meu seio e estava sentada ao sol. A senhora e seu marido estavam em Mântua. Quando sentiu o gosto amargo da losna, a garotinha ficou irritada. Mas também, nessa idade, ela já conseguia ficar em pé sozinha, andar e correr... Eu me lembro porque ela tinha ferido a testa um dia antes. Meu marido, que Deus o tenha, era um homem engraçado. Ele pegou a criança: “Oh”, ele disse, “Você caiu com a cara no chão? Você vai cair pra trás quando for mais esperta. Não vai, Ju?”. E, juro, a coitadinha parou de chorar e disse: “Sim”.

- d)** Em pequenos grupos, organizem a dramatização da cena III. Determinem diferentes funções para os integrantes do grupo: quatro atores, um diretor, um figurinista e um cenógrafo. Lembrem-se de tomar decisões em grupo e preparar uma apresentação para os outros colegas de classe. Antes da apresentação, organizem com o professor os ensaios e elementos cênicos necessários para a dramatização da cena.
- e)** Assista ao vídeo *Preparando a encenação* e perceba as semelhanças e diferenças do ensaio e da apresentação realizados por seu grupo.

6. Na cena a seguir, Romeu e Julieta se encontram pela primeira vez no baile de máscaras.

O pai de Julieta dá uma grande festa para todos os amigos da família. Os Montéquios não são convidados; porém Romeu, interessado em participar da festa, entra na casa dos inimigos. Ele está com máscara e fantasiado de peregrino.

ATO I

CENA V

Um salão na casa dos Capuletos

A música toca novamente, e os convidados dançam.

ROMEU – [*Tomando a mão de Julieta*] Se a ofendo ao tocar sua mão com a minha, meus lábios, ruborizados peregrinos, estão prontos para melhorar a situação com um beijo.

JULIETA – Bondoso peregrino, você não dá o valor merecido à sua mão. Ao segurar a minha, mostra uma devoção polida. Afinal de contas, peregrinos tocam as mãos de estátuas das santas. Unir uma palma à outra é como se fosse um beijo.

ROMEU – As santas e os peregrinos não têm lábios também?

JULIETA – Sim, peregrino, lábios que devem ser usados em oração.

ROMEU – Então, minha santa, deixe que os lábios façam o que as mãos fazem. Eles oram por um beijo. Por favor, não deixe minha fé virar desespero.

JULIETA – Santas não se movem, mesmo quando recebem orações.

ROMEU – Então não se mexa enquanto faço minha oração.

Ele a beija.

JULIETA – Agora meu pecado foi tirado dos meus lábios pelos seus. Então meus lábios têm agora o pecado que tiraram dos seus?

ROMEU – O pecado dos meus lábios? Você encoraja o crime com sua doçura. Dê-me de volta o meu pecado.

Eles se beijam novamente.

JULIETA – Você beija como se tivesse estudado para isso.

AMA – Senhora, sua mãe quer dar uma palavrinha com você.

Julieta se afasta.

ROMEU – Quem é a mãe dela?

AMA – A mãe dela é a dona da casa, e é uma boa senhora sábia e virtuosa. Tomei conta de sua filha, com quem você estava falando agora há pouco.

ROMEU – [*À parte*] Ela é uma Capuleto? Oh, que preço pesado a pagar! Minha vida nas mãos de meu inimigo.

BENVÓLIO – [*A Romeu*] É hora de irmos embora, vamos?

ROMEU – Sim, mas receio que eu esteja mais encrencado do que nunca.

JULIETA – Venha, ama. Quem é o cavalheiro que está saindo agora, aquele que não dançou?

AMA – Não sei seu nome.

JULIETA – Vá, e lhe pergunte. Se ele for casado, meu túmulo será meu leito nupcial.

AMA – Seu nome é Romeu, um Montéquio, o único filho do seu grande inimigo.

JULIETA – Meu único amor nascido do meu grande ódio! O que é o amor, que permite que eu me apaixone pelo meu maior inimigo?

AMA – O que é isso?

JULIETA – Nada. Só que...

Alguém chama “JULIETA” de fora do palco.

AMA – Venha, vamos. Todos os visitantes já se foram.

[*Saem.*]

SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. Adaptação e tradução de Marilise Rezende Bertin e John Milton. Edição adaptada bilíngue. São Paulo: Disal, 2006, p. 56-60.



a) No baile de máscaras, Romeu está fantasiado de **peregrino**. Se você fosse responsável por essa cena, como diretor ou figurinista, como você caracterizaria Romeu? Onde você buscaria informações? Quais informações seriam relevantes?

b) Diferentemente das rubricas da cena III, as rubricas da cena V apresentam outras funções. O que as rubricas informam na cena V?

c) O texto teatral é composto por diversos diálogos entre personagens. Nesse caso, podemos dizer que as personagens dialogam para atingir diferentes objetivos: perguntar, ordenar, pedir, acusar, cumprimentar etc. Releia os diálogos a seguir e identifique-os como reveladores dos tipos de ações presentes, aos pares, na narrativa.

PERGUNTA → RESPOSTA

ORDEM → EXECUÇÃO

CUMPRIMENTO → CUMPRIMENTO

ACUSAÇÃO → DEFESA

Diálogo 1

ROMEU – [*Tomando a mão de Julieta*] Se a ofendo ao tocar sua mão com a minha, meus lábios, ruborizados peregrinos, estão prontos para melhorar a situação com um beijo.

JULIETA – Bondoso peregrino, você não dá o valor merecido à sua mão. Ao segurar a minha, mostra uma devoção polida. Afinal de contas, peregrinos tocam as mãos de estátuas das santas. Unir uma palma à outra é como se fosse um beijo.

Diálogo 2

ROMEU – Quem é a mãe dela?

AMA – A mãe dela é a dona da casa, e é uma boa senhora sábia e virtuosa. Tomei conta de sua filha, com quem você estava falando agora há pouco.

Diálogo 3

JULIETA – Venha, ama. Quem é o cavalheiro que está saindo agora, aquele que não dançou?

AMA – Não sei seu nome.

JULIETA – Vá, e lhe pergunte. Se ele for casado, meu túmulo será meu leito nupcial.

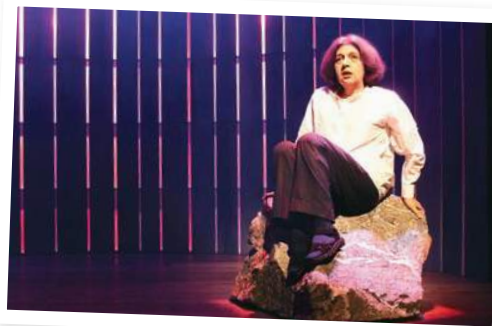
AMA – Seu nome é Romeu, um Montéquio, o único filho do seu grande inimigo.

7. Refletindo sobre os diálogos no texto teatral

O texto teatral é praticamente composto por diálogos entre as personagens ou monólogos. No monólogo, o ator em cena interpreta uma personagem que fala ao público ou consigo mesma. Como os monólogos não objetivam a réplica de outra personagem, percebemos que suas ações apontam para lembranças, sentimentos, emoções...



Ator Paulo Autran durante ensaio da peça *Quadrante*, em São Paulo (SP).



Atriz Walderez de Barros durante ensaio do monólogo *Tu e eu*, em Curitiba (PR).

Nos diálogos entre as personagens, podemos perceber que há a predominância do **discurso direto**, ou seja, o dramaturgo reproduz literalmente a fala das personagens, acrescentando (quando necessário) as rubricas com informações mais específicas. Nesse caso, a personagem fala de maneira direta, sem a forte presença da voz do narrador, que nos contos e romances, por exemplo, explica quem e como vai falar. No texto teatral que você leu, é possível perceber nos diálogos o nome das personagens com letras em destaque (JULIETA) e o travessão para marcar a fala.

JULIETA – Vá, e lhe pergunte. Se ele for casado, meu túmulo será meu leito nupcial.

Ao adaptar um texto literário original (romance, conto, novela etc.) para o teatro, cinema ou televisão, uma das questões centrais é justamente a transformação do texto narrativo em prosa para o texto teatral, com suas características (diálogos em discurso direto, rubricas, organização espacial na página etc.).

Na vida real, duas pessoas se encontram, se põem frente a frente e falam, hesitam, divagam, trocam informações que interessam, em princípio, a elas duas e a mais ninguém. Não entendendo o que foi falado, uma pessoa pode replicar “O quê?” e a outra pode responder, repetir, explicitar o que falou. E, ao começar a se entediar, a pessoa pode indicar isso à outra.

Num palco de teatro ou num *set* de gravação, dois personagens se encontram e a posição dos dois corpos não é mais frente a frente. Eles têm de se “abrir”, se mostrar para a plateia ou para a câmera, de modo que o espectador possa não só ouvir o que falam, mas também ver os gestos e reações. E personagens não podem responder a espectador que replicar “O quê?”, nem reagir ao que indicar tédio.

CAMPOS, Flavio. *Roteiro de cinema e televisão: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma história*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 186-187.



Cena da peça *Chão de Barros*, inspirada na obra do poeta Manoel de Barros, em São Paulo (SP).

Diferentemente da televisão e do cinema, os diálogos falados no teatro são importantes para a caracterização das personagens e de suas respectivas expressões e ações. Você já pensou que um monólogo no teatro de duas páginas provoca uma reação muito diferente no telespectador do que no cinema ou na televisão? O texto teatral, em geral, é composto por inúmeras réplicas, ou seja, uma fala da personagem aponta para uma resposta, para um comentário, para um pensamento em voz alta etc. Essa troca de falas é essencial para compreendermos as cenas e o tom de voz das personagens.

- a) Em grupo e com o professor, transformem dois trechos iniciais de contos de Lygia Fagundes Telles em um texto teatral, prestando atenção na construção dos diálogos e nas rubricas para o diretor, atores, sonoplasta etc.
- b) Em seguida, comparem seu texto com o de outros grupos para perceber semelhanças e diferenças.

Fragmento 1 – Conto “As pérolas”

Demoradamente ela a examinava pelo espelho. “Está mais magra, pensou. Mas está mais bonita.” Quando a visse, Roberto também pensaria o mesmo, “Está mais bonita assim”.

Que iria acontecer? Tomás desviou o olhar para o chão. Pressentia a cena e com que nitidez: com naturalidade Roberto a levaria para a varanda e ambos se debruçariam no gradil. De dentro da casa iluminada, os sons do piano. E ali fora, no terraço deserto, os dois muito juntos se deixariam ficar olhando a noite. Conversariam? Claro que sim, mas só nos primeiros momentos. Logo atingiriam aquele estado em que as palavras são demais. Quietos e tensos, mas calados na sombra. Por quanto tempo? Impossível dizer, mas o certo é que ficariam sozinhos numa parte da festa, apoiados no gradil dentro da noite escura. Só os dois, lado a lado, em silêncio. O braço dele roçando no braço dela. O piano.

— Tomás, você está se sentindo bem? Que é, Tomás?

Ele estremeceu. Agora era Lavínia que o examinava pelo espelho.

— Eu? Não, não se preocupe – disse ele, passando as pontas dos dedos pelo rosto. — Preciso fazer a barba...

— Tomás, você não me respondeu – insistiu ela. — Você está bem?

— Claro que estou bem.

TELLES, Lygia Fagundes. As pérolas. In: *Antes do baile verde*. São Paulo: Companhia das Letras.
© by Lygia Fagundes Telles

Fragmento 2 – Conto “As formigas”

Quando minha prima e eu descemos do táxi era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada. Descansei a mala no chão e apertei o braço da prima.

— É sinistro.

Ela me impeliu na direção da porta. Tínhamos outra escolha? Nenhuma pensão nas redondezas oferecia um preço melhor a duas pobres estudantes, com liberdade de usar o fogareiro no quarto, a dona nos avisara por telefone que podíamos fazer refeições ligeiras com a condição de não provocar incêndio. Subimos a escada velhíssima, cheirando a creolina.

— Pelo menos não vi sinal de barata – disse minha prima.

A dona era uma velha balofa, de peruca mais negra do que a asa da graúna. Vestia um desbotado pijama de seda japonesa e tinha as unhas aduncas recobertas por uma crosta de esmalte vermelho-escuro descascado nas pontas encardidas. Acendeu um charutinho.

— É você que estuda medicina? – perguntou soprando fumaça na minha direção.

— Estudo direito. Medicina é ela.

A mulher nos examinou com indiferença. Devia estar pensando em outra coisa quando soltou uma baforada tão densa que precisei desviar a cara. A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de vidrilho.

— Vou mostrar o quarto, fica no sótão – disse ela em meio a um acesso de tosse. Fez um sinal para que a seguíssemos. — O inquilino antes de vocês também estudava medicina, tinha um caixotinho de ossos que esqueceu aqui, estava sempre mexendo neles.

Minha prima voltou-se:

— Um caixote de ossos?

A mulher não respondeu, concentrada no esforço de subir a estreita escada de caracol que ia dar no quarto. Acendeu a luz.

TELLES, Lygia Fagundes. As formigas. In: *Seminário dos ratos*. São Paulo: Companhia das Letras.
© by Lygia Fagundes Telles

- c) Liste as principais transformações que os grupos fizeram ao adaptar os dois trechos dos contos de Lygia Fagundes Telles para serem encenados. O que permaneceu no texto teatral? O que precisou ser alterado ou retirado? Que informações foram para as rubricas? Essas informações foram dirigidas a quem (sonoplasta, diretor, atores, figurinista, iluminador, cenógrafo)?



A light blue notepad with horizontal lines for writing.

ATIVIDADE 6 A peça de teatro na tela da televisão ou do cinema

RETORNANDO AO AUTO DA COMPADECIDA

A peça de Ariano Suassuna nasceu como folheto de cordel e foi parar na telona. A minissérie brasileira da Rede Globo exibida em janeiro de 1999 foi dirigida por Guel Arraes. O roteiro conta com elementos de *O santo e a porca* e *Torturas de um coração*, ambas de Suassuna. Depois de ser transformada em

roteiro de televisão, a produção chegou aos cinemas em 2000, em uma versão com uma hora a menos que a minissérie.

Os textos a seguir trazem informações sobre as diferentes adaptações da história. Leia-os com atenção para, posteriormente, compará-los.

TEXTO 1

Sinopse: *O auto da Compadecida* – minissérie

Baseada na peça teatral homônima de Ariano Suassuna, *O auto da Compadecida* é uma comédia que mistura regionalismos e religiosidade, fazendo referência à pobreza e à vida sofrida dos habitantes do Nordeste.

A minissérie conta em quatro episódios as aventuras de João Grilo (Matheus Nachtergaele), um sertanejo desnutrido e malandro que faz da esperteza seu modo de ganhar a vida, e seu companheiro de estrada Chicó (Selton Mello), um mentiroso compulsivo e covarde, que é metido a valente e conquistador.

A história se passa no início da década de 1930, quando a dupla chega a Taperoá, no sertão paraibano, anunciando pelas ruas da pequena cidade a exibição do filme *A Paixão de Cristo* na igreja, para ganhar alguns trocados. Sabendo que o padeiro Eurico (Diogo Vilela) precisa de ajudantes, Chicó e João Grilo passam a trabalhar e morar na padaria. Enquanto Chicó se torna um dos muitos amantes de Dora (Denise Fraga), a fogosa mulher do padeiro, João Grilo aproveita o emprego para comer de graça todos os pães que puder. Depois diz ao padeiro que foram ratos.

No primeiro episódio, *O testamento da cachorra*, a cadela de dona Dora morre ao comer a ração dos dois nordestinos, na qual Eurico havia colocado veneno para ratos. Para conseguir que a cachorra tenha um enterro cristão – e assim evitar a ira dos patrões –, João Grilo consegue envolver até o padre João (Rogério Cardoso) em suas armações, inventando que ele pode levar parte de uma suposta herança deixada no testamento da cachorra. O Padre, então, subverte por dinheiro as regras da Igreja, o que atrai a atenção do Bispo (Lima Duarte) que está de visita à cidade e quer sua parte na herança.

Memória Globo © Globo. Disponível em: <www.globo.com/memoria>.

TEXTO 2

Posfácio de *Auto da Compadecida*, de Bráulio Tavares

Reza a lenda que certa vez um crítico teatral abordou Ariano Suassuna e o inquiriu a respeito de alguns episódios do *Auto da Compadecida*. Disse ele: “Como foi que o senhor teve a ideia do gato que defeca dinheiro?”. Ariano respondeu: “Eu achei num folheto de cordel”. O crítico: “E a história da bexiga de sangue e a musiquinha que ressuscita a pessoa?”. Ariano: “Tirei de outro folheto”. O outro: “E o cachorro que morre e deixa dinheiro para fazer o enterro?”. Ariano: “Aquilo ali é do folheto, também”. O sujeito impacientou-se e disse: “Agora danou-se mesmo! Então o que foi que o senhor escreveu?”. E Ariano: “Oxente! Escrevi foi a peça!”.

TAVARES, Bráulio. Tradição popular e recriação no “Auto da Compadecida”. In: SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. 35. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005, p. 175.

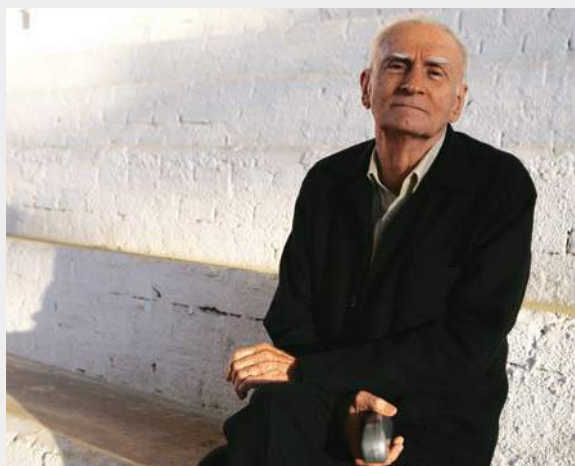
TEXTO 3

Trecho de uma entrevista de Ariano Suassuna para a revista *Almanaque Brasil de Cultura Popular*

Você se preocupa com os rumos da cultura popular diante do interesse crescente da mídia?

O interesse não é problema. O ruim é quando há deturpação. A modificação é inerente à arte popular, que é profundamente dinâmica. [...] Por exemplo, peguei o *Auto da Compadecida* de um folheto de um grande poeta popular, Leandro Gomes de Barros. Ele se chamava *O enterro do cachorro*. Mas eu transporte para o teatro. Evidente que modifiquei, porque estava fazendo outra arte. Assim como Leandro já tinha modificado, porque a história vem do século V.

Almanaque Brasil de Cultura Popular, abr. 2004.
Disponível em: <www.almanaquebrasil.com.br>.



ANDRÉ DUSEK/AE

1. Reúna-se com um colega e preencham o quadro relativo às diferentes adaptações da história de João Grilo e Chicó. Utilizem informações citadas em textos anteriores.

Data	Autoria	Gênero	Suporte/Mídia
século V			—
—	Leandro Gomes de Barros		
1955			
1999			
2000			

2. Ao longo do tempo, a história que deu origem à peça *Auto da Compadecida* passou por adaptações/transformações de acordo com as intenções de seus autores e o momento de produção. Em sua opinião, o que contribuiu para que a história (o conteúdo) não sofresse muitas alterações?

ATIVIDADE 7 *Você é o autor! Como escrever uma peça de teatro?*

Você pode imaginar que escrever um roteiro original é um desafio até para os escritores mais experientes. Por isso, sugerimos que você escreva um texto teatral com base em um conto. Visite a sala de leitura de sua escola e

escolha um conto que contenha um bom enredo e personagens para que seja adaptado para o teatro.

O roteiro a seguir visa a ajudá-lo nessa tarefa. Agora é com você! Bom trabalho!

Roteiro de escrita de adaptação do conto para o texto teatral

PARTE 1

Leitura do original e planejamento

- 1.** Leia o conto silenciosamente e com atenção, procurando identificar o tema principal, o conflito, as personagens, o tempo da narrativa e o espaço. Depois, preencha o quadro a seguir com as informações necessárias:

Título	_____
Autor	_____
Ano de publicação	_____
Personagens principais	_____ _____
Personagens secundárias	_____
Enredo (introdução, conflito, resolução)	_____ _____ _____ _____
Lugar e tempo da narrativa	_____ _____ _____ _____

- 2.** Faça uma leitura em voz alta, com entonação e imaginando personagens, cenários e a movimentação no palco. Relacione os elementos cênicos que serão importantes para a encenação da peça, assim como informações sobre sonoplastia e iluminação que deverão aparecer nas rubricas. Registre suas primeiras impressões:

	Informações importantes para a adaptação
Cenário	
Figurino	
Sonoplastia	
Iluminação	

Produção do texto teatral

- 3.** Levando em consideração a extensão do conto escolhido, os cenários e as personagens, divida-o em atos e cenas específicos para que o texto teatral possa ficar organizado. Não se esqueça de fornecer informações sobre o espaço para auxiliar os atores, diretores e cenógrafos.
- 4.** Comece a escrever, reproduza as falas, faça as rubricas necessárias, acrescente ou corte informações. Observe o estilo do conto e as questões principais que precisam ser consideradas pelo público: é um conto de terror? De suspense? De humor? Um conto fantástico?
- 5.** Ao produzir as rubricas para os atores, não se esqueça das orientações específicas sobre a voz, os gestos e o tom, pois elas são essenciais para o espetáculo.
- 6.** Lembre-se: quando se faz a adaptação de um texto narrativo para o teatro, é preciso manter a estrutura composicional do texto teatral. Faça as rubricas com destaque gráfico e indique o nome das personagens com letras maiúsculas.

Revisão do texto teatral

7. Depois de fazer uma revisão geral do texto verificando os aspectos gráficos e normativos (acentuação, pontuação, ortografia, concordância), faça uma leitura em voz alta para perceber a qualidade dos diálogos.
8. Proponha uma leitura dramatizada do texto adaptado, procurando perceber se as rubricas auxiliam os atores na entonação e expressividade necessárias para a cena.
9. Observe se as mudanças de cenas e atos estão indicadas corretamente e quais elementos cênicos ajudarão na construção desse movimento.
10. Verifique se há indicações corretas para cenógrafo, iluminador, sonoplasta, figurinista, diretor e atores.

PARTE 2

Apreciação e seleção dos textos produzidos

1. Seguindo as orientações do professor, a próxima etapa é a leitura oral dos textos produzidos e a escolha dos roteiros mais adequados à dramatização.
2. Participe da avaliação dos textos dos colegas com sugestões pautadas neste roteiro de adaptação e nos conteúdos abordados na Unidade.
3. Os textos escolhidos devem ser reelaborados de acordo com as sugestões apresentadas. Mais uma vez é hora de passar o texto a limpo, e essa pode não ser a versão final, pois os ensaios poderão evidenciar outros ajustes.
4. A última versão do texto deve apresentar as alterações feitas durante os ensaios.

PARTE 3

Autoavaliação do texto teatral

Avalie o texto teatral que você escreveu. Este é um momento de reflexão sobre sua produção escrita.

1. A peça mantém o enredo da narrativa original?
2. As falas das personagens estão corretamente pontuadas e indicadas?
3. As rubricas contêm orientações adequadas sobre personagens e movimentação em cena?
4. Os elementos acrescentados enriqueceram o enredo, sem alterá-lo?



PARTE 4

Ensaaios e apresentação

1. Com o texto pronto, é hora de escolher o elenco, preparar o cenário e começar os ensaios. Discuta as funções de cada integrante: quem serão os atores? Quem serão os figurinistas? Quem preparará o cenário? Quem cuidará do som? Quem será o iluminador? Quem será o diretor que coordenará todos esses elementos?
2. Nos ensaios, é interessante perceber que é possível modificar elementos do texto teatral, acrescentar diálogos e modificar elementos das rubricas conforme os objetivos do diretor e do público que vai assistir ao espetáculo.
3. Durante os ensaios, é importante perceber a harmonia entre os diversos elementos que compõem a peça teatral: a voz dos atores, o cenário, a passagem das cenas e dos atos, o uso correto dos elementos cênicos, o tempo correto da entrada de sons no espetáculo, a posição correta dos atores para determinado efeito de iluminação etc.
4. Antes da apresentação para o público, é fundamental realizar ensaios com todos os elementos presentes: cenário, figurino, maquiagem, luz e som. Aproveite para perceber a posição dos atores e objetos nas cenas, assim como o tempo de entrada e saída do palco.
5. De acordo com as orientações do professor, outras turmas poderão ser convidadas para assistir à dramatização.

RETOMANDO PERCURSOS

Chegamos ao final da Unidade! Esperamos que você tenha aproveitado o passeio pelo teatro e que tenha desvendado alguns de seus segredos. Registre de forma pessoal o que você mais gostou de aprender e fazer durante esse percurso. Relembre as leituras, as análises de texto, as conversas com colegas e com o professor, os vídeos exibidos e sua participação na peça montada. Quanta coisa! O que ficou pra você?

[illegible]